

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Eduarda Bueno da Silva

**GUERRA DO CONTESTADO E O ENSINO DE HISTÓRIA:  
Análise de livros didáticos distribuídos na rede de ensino do  
município de Palhoça em Santa Catarina**

Florianópolis

2023

Eduarda Bueno da Silva

**GUERRA DO CONTESTADO E O ENSINO DE HISTÓRIA:  
Análise de livros didáticos distribuídos na rede de ensino do  
município de Palhoça em Santa Catarina**

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em História do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para a obtenção do título de Bacharel e Licenciado em História.

Orientador: Sandor Fernando Bringmann

Florianópolis

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Silva, Eduarda Bueno da  
GUERRA DO CONTESTADO E O ENSINO DE HISTÓRIA: : Análise  
de livros didáticos distribuídos na rede de ensino do  
município de Palhoça em Santa Catarina / Eduarda Bueno da  
Silva ; orientador, Sandor Fernando Bringmann, 2023.  
52 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -  
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de  
Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em História,  
Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. História. 2. Contestado. 3. Livro didático . I.  
Bringmann, Sandor Fernando . II. Universidade Federal de  
Santa Catarina. Graduação em História. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
COLEGIADO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

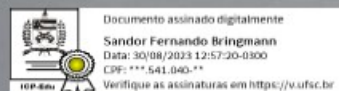
ATA DE DEFESA DE TCC

Aos vinte e dois dias do mês de agosto do ano de dois mil e vinte e três, às dez horas por videoconferência, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelo Professor Sandor Fernando Bringmann, Orientador, pelo Professor Paulo Pinheiro Machado e pela Professora Luiza Vieira Maciel, designados pela Portaria nº 34/2023/HST/CFH da Senhora Chefe do Departamento de História, a fim de argüirem o Trabalho de Conclusão de Curso da acadêmica **Eduarda Bueno da Silva**, subordinado ao título: " **GUERRA DO CONTESTADO E O ENSINO DE HISTÓRIA: Análise de livros didáticos distribuídos na rede de ensino do município de Palhoça em Santa Catarina**". Aberta a Sessão pelo orientador, a acadêmica expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, a mesma foi arguida pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo a candidata recebido do Professor Sandor Fernando Bringmann a nota final 9,5, do Professor Paulo Pinheiro Machado a nota final 9,5, e da Professora Luiza Vieira Maciel a nota final 9,5; sendo aprovada com a nota final **9,5**. A acadêmica deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital à Coordenadoria do Curso de História até o dia vinte e nove de agosto de dois mil e vinte e três. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pela candidata.

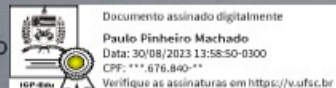
Florianópolis, 22 de agosto de 2023.

Banca Examinadora:

Prof. Sandor Fernando Bringmann



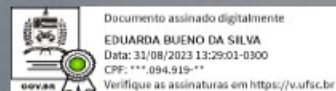
Prof. Paulo Pinheiro Machado



Prof.a Luiza Vieira Maciel

Luiza Vieira Maciel

Candidata Eduarda Bueno da Silva





UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**  
Campus Universitário Trindade  
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina  
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que o acadêmico(a) Eduarda Bueno da Silva ,matricula n.º 18250046, entregou a versão final de seu TCC cujo título é GUERRA DO CONTESTADO E O ENSINO DE HISTÓRIA: Análise de livros didáticos distribuídos na rede de ensino do município de Palhoça em Santa Catarina, com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 29 de Agosto de 2023.



Documento assinado digitalmente  
Sandor Fernando Bringmann  
Data: 31/08/2023 15:31:56-0300  
CPF: \*\*\*.541.040-\*\*  
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

---

Orientador(a)

## AGRADECIMENTOS

Hoje, enquanto concluo mais uma etapa importante em minha jornada acadêmica, não posso deixar de expressar minha profunda gratidão aos meus pais, Eliani e João, a minha irmã Tamires, ao meu marido Cristian, e ao meu orientador Sandor.

Escrever este trabalho não foi apenas uma tarefa acadêmica, mas uma jornada emocional e pessoal. As questões de saúde mental que enfrentei ao longo do processo tornaram cada passo uma verdadeira batalha. Mas, mesmo nos momentos mais difíceis, vocês permaneceram ao meu lado, apoiando-me incondicionalmente.

Aos meus queridos pais, não há palavras que possam expressar plenamente minha gratidão pelo amor e apoio incondicional que me ofereceram ao longo de toda a minha jornada acadêmica. Desde os primeiros passos no mundo da educação até este momento em que apresento meu trabalho de conclusão de curso, vocês estiveram sempre ao meu lado, guiando-me com carinho e incentivo em cada passo que dei. Obrigado por nunca deixarem de me encorajar a seguir meus sonhos e aspirações, por me mostrarem a importância da dedicação e esforço, e por compartilharem comigo cada conquista como se fossem suas também.

Minha amada irmã, você tem sido uma grande amiga ao longo desta jornada, e não poderia deixar de expressar o quanto sua presença tem sido fundamental em minha vida. Obrigada por ser minha parceira fiel em todas as horas, compartilhando risadas, segredos e momentos únicos que só nós duas conhecemos. Sua companhia torna cada experiência mais significativa, e sou grata por ter você ao meu lado, não apenas como irmã, mas como uma verdadeira amiga. Nossa cumplicidade é um tesouro que valoriza imensamente. Obrigada por ser essa pessoa especial em minha vida.

A você, meu caro marido, devo agradecer por estar ao meu lado, apoiando-me incondicionalmente mesmo diante dos meus altos e baixos emocionais, você manteve firme ao meu lado em todos os momentos. Seu amor e incentivo foram um pilar fundamental para minha confiança e meu equilíbrio emocional durante a elaboração deste trabalho. Sua paciência e compreensão permitiram que eu me dedicasse intensamente ao estudo.

Essa conquista é nossa, família. Cada etapa superada foi possível graças ao encorajamento e amor que recebi de vocês. Sei que não foi fácil presenciar meus momentos

de tristeza, mas também sei que sem vocês ao meu lado, eu não teria sido capaz de concluir essa pesquisa.

Ao meu prestigioso orientador, sou imensamente grata por sua orientação, expertise e apoio durante todo o desenvolvimento deste trabalho de conclusão de curso. Suas valiosas contribuições, críticas construtivas e disponibilidade foram essenciais para o aprimoramento deste projeto. Agradeço por compartilhar seu conhecimento e por investir tempo e esforço em meu crescimento acadêmico e profissional.

Por fim, quero agradecer a banca examinadora composta pelo professor Paulo Pinheiro Machado e a professora Luiza Maciel pelo tempo dedicado a ler e avaliar a minha pesquisa.

A todos vocês, meu mais sincero agradecimento. Cada um teve um papel fundamental em minha trajetória, tornando possível a realização deste trabalho. Essa conquista não é apenas minha, mas nossa, e levo cada aprendizado, registro e lembrança para toda a vida.

Com todo meu amor e gratidão, Eduarda Bueno da Silva.

## RESUMO

O ensino de História no ambiente escolar tem como objetivo formar cidadãos através dos conceitos e conhecimentos históricos, muitas vezes discutidos com auxílio de livros didáticos. Sabendo a importância destes, o estudo dos materiais didáticos ganharam destaque no meio acadêmico, com o propósito de oferecer cada vez mais, os melhores instrumentos pedagógicos no ensino escolar. Paralelo a estes estudos, as pesquisas históricas sobre a Guerra do Contestado cresceram pois foi um dos maiores conflitos armados da história republicana brasileira, na região contestada por Paraná e Santa Catarina nos anos de 1912 a 1916. No entanto, algumas barreiras dificultam ou impossibilitam que os novos conhecimentos deste acontecimento cheguem as salas de aula. Sendo assim, o trabalho a seguir tem como pretensão a análise de como a Guerra do Contestado é apresentada e discutida nos livros didáticos distribuídos na Rede Municipal de Ensino da cidade de Palhoça no estado de Santa Catarina para alunos do 9º ano, no período de 2014 a 2022. Os livros distribuídos no município são escolhidos pela prefeitura em conjunto com os professores e são os mesmos para todas as escolas. Os selecionados nesse período da pesquisa são: Vontade de Saber: História 9º ano, dos autores Marco César Pellegrini, Adriana Machado Dias e Keila Grinberg da editora FTD, distribuídos no ciclo 2014-2015-2016; Estudar História: das origens do homem à era digital 9º ano, das autoras Patrícia Ramos Baick e Anna Barreto da editora Moderna, distribuídos no ciclo 2017-2018-2019; e Araribá: Mais História, uma obra coletiva da editora Moderna, distribuídos no ciclo 2020-2021-2022.

**Palavras-chave:** Guerra do Contestado; Material didático; Ensino de história



## ABSTRACT

The teaching of History in the school environment aims to educate citizens through historical concepts and knowledge, often discussed with the help of textbooks. Recognizing the importance of these textbooks, the study of didactic materials has gained prominence in the academic field, with the purpose of offering increasingly better pedagogical tools in school education. Alongside these studies, historical research on the Contestado War has grown because it was one of the biggest armed conflicts in Brazilian republican history, which took place between the south and southwest of Paraná, in the region contested by the two states from 1912 to 1916. However, some barriers hinder or prevent the new knowledge of this event from reaching the classrooms. Therefore, the following work intends to analyze how the Contestado War is presented and discussed in the textbooks distributed in the Municipal Education Network of the city of Palhoça in the state of Santa Catarina, for 9th-grade students from 2014 to 2022.

**Keywords:** Contestado War; Textbook; History Teaching;

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa dos limites entre o Paraná e Santa Catarina .....	11
Figura 2 – Mapa da estrada de ferro São Paulo - Rio Grande do Sul .....	12
Figura 3 – Imagem de Giovanni Maria de Agostini o João Maria de Agostinho.....	13
Figura 4 – Imagem de Anastás Marcaf o João Maria de Jesus.....	14
Figura 5 – Imagem atribuída ao José Maria .....	15
Figura 6 – Imagem da capa do livro Vontade de Saber: História 9º ano .....	33
Figura 7 – Imagem da capa do livro Estudar História das origens do homem à era digital 9º ano.....	34
Figura 8 – Imagem da página 20 do livro Estudar História das origens do homem à era digital .....	36
Figura 9 – Imagem da capa do livro Araribá Mais: História.....	37
Figura 10 – Imagem das páginas 23 do livro Araribá Mais: História.....	39
Figura 11 – Imagem das páginas 24 do livro Araribá Mais: História.....	40
Figura 12 – Imagem das páginas 26 do livro Araribá Mais: História.....	41

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
FNDE	Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
INL	Instituto Nacional do Livro
PNLD	Programa Nacional do Livro e do Material Didático
SIMAD	Sistema do Material Didático

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>8</b>
<b>2. GUERRA DO CONTESTADO E O ENSINO DE HISTÓRIA</b>	<b>11</b>
2.1. GUERRA DO CONTESTADO	11
2.2. ENSINO DE HISTÓRIA E A GUERRA DO CONTESTADO EM SALA DE AULA	18
<b>3. OS LIVROS DIDÁTICOS E SEUS USOS NO ENSINO DE HISTÓRIA: ANÁLISE TEÓRICO METODOLÓGICA DE COLETÂNEAS DIDÁTICAS DISTRIBUÍDAS NA REDE MUNICIPAL DE PALHOÇA-SC</b>	<b>25</b>
3.1 OS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA: INTERPRETAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS	26
3.2 ANÁLISE DOS LIVROS DE HISTÓRIA DO 9º ANO	31
3.3 A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO MAIS APROFUNDADO DO TEMA EM SALA DE AULA	41
<b>4. CONCLUSÃO</b>	<b>43</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	<b>45</b>

## 1 INTRODUÇÃO

No Brasil, por muito tempo, as pesquisas nas universidades pouco se dedicavam às questões do ensino. Por exemplo, “o ensino de História foi visto, até a década de 1960, como área de formação, não como objeto de pesquisa. [...] associado, estritamente, às ditas questões pedagógicas” (COSTA; OLIVEIRA, 2007, p.147). Na década de 1970 e 1980 o ensino de História passa a ser analisado e reformulado fazendo com que surgisse uma nova relação entre a educação, a escola e a sociedade. Além disso,

“as preocupações com a formação do professor, do ensino de história e seus correlatos, passam a se constituir, como objeto de reflexão, análise e pesquisa, de uma forma mais enfática, no universo dos licenciados, bacharéis e pesquisadores de História, em geral.” (COSTA; OLIVEIRA, 2007 p.148).

Da mesma forma que se tem a preocupação com a formação dos professores, há uma preocupação com os materiais didáticos que são utilizados nas salas de aulas. “Os estudos mais recentes direcionam o nosso olhar para a discussão sobre as relações da produção do conhecimento histórico com o conhecimento histórico escolar” (COSTA; OLIVEIRA, 2007 p.150-151).

Segundo Bittencourt (1993), o livro didático é o produto de maior venda das editoras nacionais. É também um material que gera bastante discussões e divide opiniões entre professores, alunos e pesquisadores da área da educação, e mesmo assim é o instrumento pedagógico mais utilizado nas salas de aula. O livro didático é uma mercadoria, um produto mas, também possui conteúdo educacional que o transforma em um instrumento pedagógico. “Tais características fazem com que o livro didático seja objeto de pesquisas divergentes. É alvo de críticas contundentes ou de estudos que proclamam sua existência como fundamental no processo do ensino escolar. (BITTENCOURT, 1993 p.3)

O estudo do livro didático envolve a discussão da elaboração e da escolha dos conteúdos do ensino, pois os conteúdos escolares são derivados de uma parte do que se estuda e publica na academia sobre determinados temas. Pensar em o que do conhecimento histórico é passado no conhecimento histórico escolar. Isso porque nem todo saber acadêmico é levado para o ambiente escolar, pois a história escolar não é dependente, muito menos inferior à história acadêmica, ambas “são portadores de dinâmicas próprias, as quais se relacionam com inúmeras instâncias e dimensões, de acordo com as finalidades e especificidades de sua atuação” (CAIMI, 2008 p.130).

Outro campo de estudo que cresce na academia é sobre a Guerra do Contestado, um dos maiores conflitos armados da história da república brasileira que aconteceu entre os anos de 1912 e 1916, na região que era disputa territorial entre os estados do Paraná e Santa Catarina. Porém, as informações sobre o conflito não se difundem pela sociedade da mesma maneira que cresce a produção acadêmica. Então, é necessário divulgar as novas contribuições acadêmicas, principalmente no ambiente escolar, ganhando o grande público com produções didáticas e formação dos professores.

Além disso, como os livros didáticos são pensados para serem utilizados a níveis nacionais, alguns temas regionais, importantes na construção do conhecimento histórico da localidade em que o indivíduo mora, não recebem tanto destaque, como por exemplo, a Guerra do Contestado, que é importante para entender a construção econômica e social do estado de Santa Catarina.

Tendo em mente a relevância do tema da Guerra do Contestado na construção do conhecimento do estudante sobre a formação do Estado de Santa Catarina, as questões econômicas e sociais, e a necessidade de estudos sobre instrumentos didáticos sobre o tema, a pesquisa é relevante para contribuir na educação e na produção de instrumentos didáticos sobre o movimento Guerra do Contestado. Uma vez que, tendo o conhecimento do que já é discutido em sala de aula e o que falta, de qual material é utilizado ou qual falta, saberemos onde devemos agir para proporcionar o melhor para a educação da história da Guerra do Contestado.

Além da demanda da divulgação científica do conhecimento acadêmico sobre a Guerra do Contestado no ambiente escolar e o estudo de materiais didáticos sobre o tema, a escolha do tema Guerra do Contestado tem uma relação pessoal com a autora deste trabalho, pois quem escreve este texto é natural da cidade de Canoinhas, no planalto norte de Santa Catarina, um dos municípios onde o conflito aconteceu. Por isso mesmo, cresci ouvindo familiares e amigos da região contando sobre a guerra ou a devoção ao Monge João Maria, importante figura do conflito.

Sendo assim, na pesquisa apresentada a seguir, analisou-se como os saberes sobre o conflito armado Guerra do Contestado, amplamente estudado nos últimos anos na academia, estão sendo difundidos e discutidos no âmbito da sala de aula, em especial, por meio dos livros didáticos de história. Para isso, delimitou-se a análise apenas aos livros distribuídos para o 9º ano do ensino fundamental, pois é o momento escolar que, segundo a Base Nacional

Comum Curricular (BNCC), o tema é discutido. Por limitações próprias a uma pesquisa de conclusão de curso de graduação, optou-se por estabelecer um critério de análise em lócus, escolhendo-se a Rede Municipal de Ensino da cidade de Palhoça, por ser o lugar onde a pesquisadora reside no momento desta pesquisa.

Sendo assim, os livros didáticos utilizados como fonte primária deste trabalho são: *Vontade de Saber: História 9º ano*, dos autores Marco César Pellegrini, Adriana Machado Dias e Keila Grinberg da editora FTD, distribuídos no ciclo 2014-2015-2016; *Estudar História: das origens do homem à era digital 9º ano*, das autoras Patrícia Ramos Baick e Anna Barreto da editora Moderna, distribuídos no ciclo 2017-2018-2019; e *Araribá: Mais História*, uma obra coletiva da editora Moderna, distribuídos no ciclo 2020-2021-2022.

Para análise desses livros foram consideradas as abordagens de estudo dos livros didáticos propostas por Bittencourt, Rusen e Lajolo, e principalmente às reflexões em torno do Contestado, conforme abordadas por Paulo Pinheiro Machado no contexto educacional. Dessa maneira, à análise abrange, desde os aspectos físicos como capa e páginas dos livros, até o conteúdo dedicado à Guerra do Contestado. Verificou-se com atenção se as informações estabelecem ligações com o conhecimento acadêmico relativo ao tema. Outra linha de análise abordou a adequação da linguagem empregada, considerando o público estudantil como base.

Este trabalho está organizado em dois capítulos. O primeiro capítulo, de título “Guerra do Contestado e o Ensino de história” é separado em duas partes, sendo a primeira parte uma contextualização do conflito e a segunda uma discussão entre Ensino de história e a Guerra do Contestado em sala de aula. O segundo capítulo, intitulado “Os livros didáticos e seus usos no ensino de História”, está separado em três partes, que discorrem sobre os livros didáticos e as interpretações teórico-metodológicas destes, a análise das fontes e um debate sobre o que a falta do tema nos livros didáticos e a não discussão do tema em sala de aula pode acarretar.

## 2 GUERRA DO CONTESTADO E O ENSINO DE HISTÓRIA

### 2.1 Guerra do Contestado

A Guerra do Contestado, foi um movimento social religioso, que ocorreu entre sul e sudoeste do Paraná de 1912 a 1916, sendo um dos maiores conflitos armados da história republicana brasileira como apresenta Carvalho (2009, p.16). “O conflito teve início com a perseguição policial a um grupo de sertanejos liderados pelo curandeiro José Maria. O grupo havia sido expulso de Taquaruçu e atacado no Irani em outubro de 1912” (MACHADO, 2018 p.103). Antes de falar sobre a presença do conflito no âmbito do ensino de história, consideramos importante conhecer alguns aspectos históricos que culminaram no conflito e sobre João Maria e José Maria, figuras muito importantes deste momento histórico.

Segundo Neto (2020), os habitantes da região do Contestado, conhecidos como caboclos ou sertanejos, eram formados pela miscigenação de indígenas com o branco. Um povo religioso, pobre, tranquilo que vivia da agricultura, do cultivo da erva-mate e da criação de animais. O território era um local cujas terras eram disputadas entre a Província do Paraná e a Província de Santa Catarina, e também onde estava construindo-se uma estrada de ferro que ligaria São Paulo ao Rio Grande do Sul.

**Figura 1:** Mapa dos limites entre o Paraná e Santa Catarina

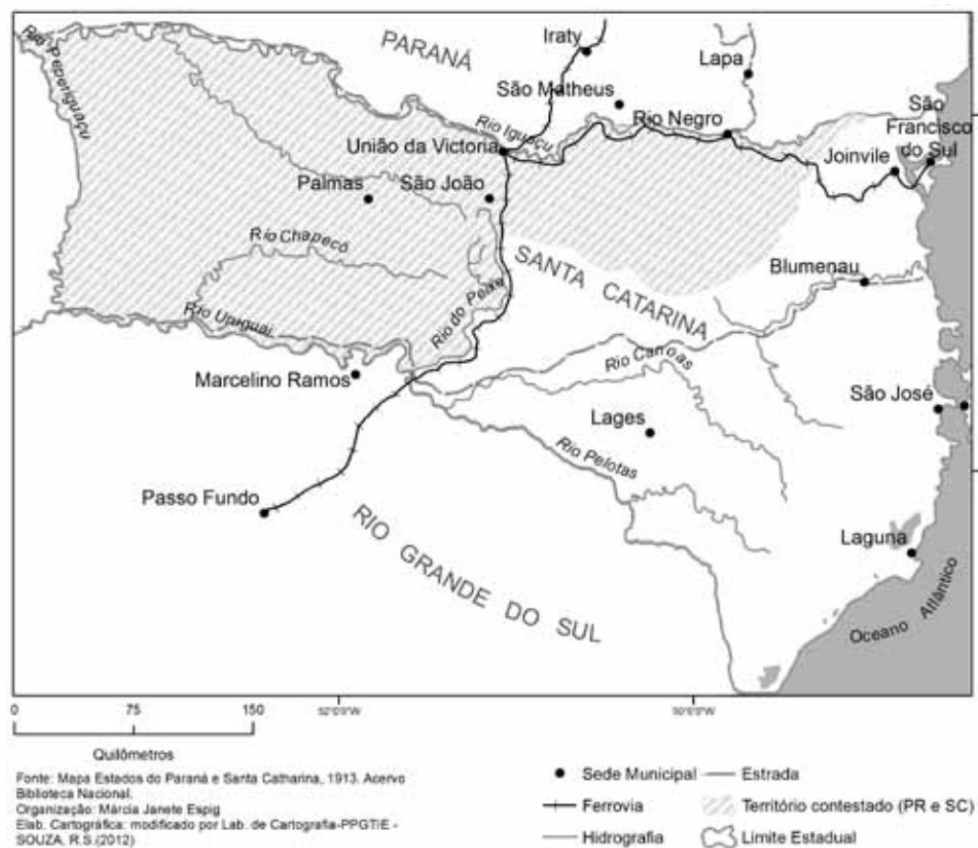


**Fonte:** Presidente (Governador) Carlos Cavalcanti, de 1917



A construção da linha férrea foi um dos maiores empreendimentos executados com dinheiro estrangeiro na região sul. Como apresenta Brandt (2007, p.140) em sua dissertação, a ferrovia foi idealizada pelo engenheiro João Teixeira Soares, mas construída por várias empresas. A obra aumentou a exploração da região e “consequentemente acabando com os recursos vitais do sertanejo, que eram as matas e os ervais, causando danos no setor econômico e ambiental, trazendo um grave problema de exclusão social” (NETO, 2020, p.78), e a expulsão de pessoas de suas terras.

**Figura 2:** Mapa da estrada de ferro São Paulo - Rio Grande do Sul



**Fonte:** ESPIG, 2012, p.855

Ainda sobre a região do Contestado antes da guerra, tem-se o conhecimento de que dois monges passaram pela região e fizeram pregações messiânicas. Seus nomes eram João Maria e José Maria. Em sua tese de doutorado, Paulo Pinheiro Machado (2001), escreve que o monge, chamado também de São João Maria, era um peregrino, curandeiro, conselheiro e profeta. Afirma-se que existiam dois homens que exerceram essa função no planalto, João Maria de Agostinho e João Maria de Jesus. O primeiro, Giovanni Maria de Agostini, de origem italiana, andou pelo planalto na década de 1840. Tinha uma relação próxima com a

Igreja católica, como pregador leigo sem realizar atividades dos sacerdotes, em “suas peregrinações erigiu cruzes nos locais onde se estabelecia algum tempo, atendendo também a população local” (BRANDT, 2007, p.119). Todavia, não possuía uma relação muito pacífica com as autoridades civis, por aglomerar muitas pessoas, que iam até o monge em busca de cura e conselhos, inclusive opinando fortemente sobre questões políticas. As animosidades com o monge culminaram em sua expulsão da Província do Rio Grande do Sul, quando obrigou-se a estabelecer-se na Província de Santa Catarina,. Sobre este monge se tem informações até 1870 quando não há mais registros do mesmo.

**Figura 3:** Imagem de Giovanni Maria de Agostini o João Maria de Agostinho



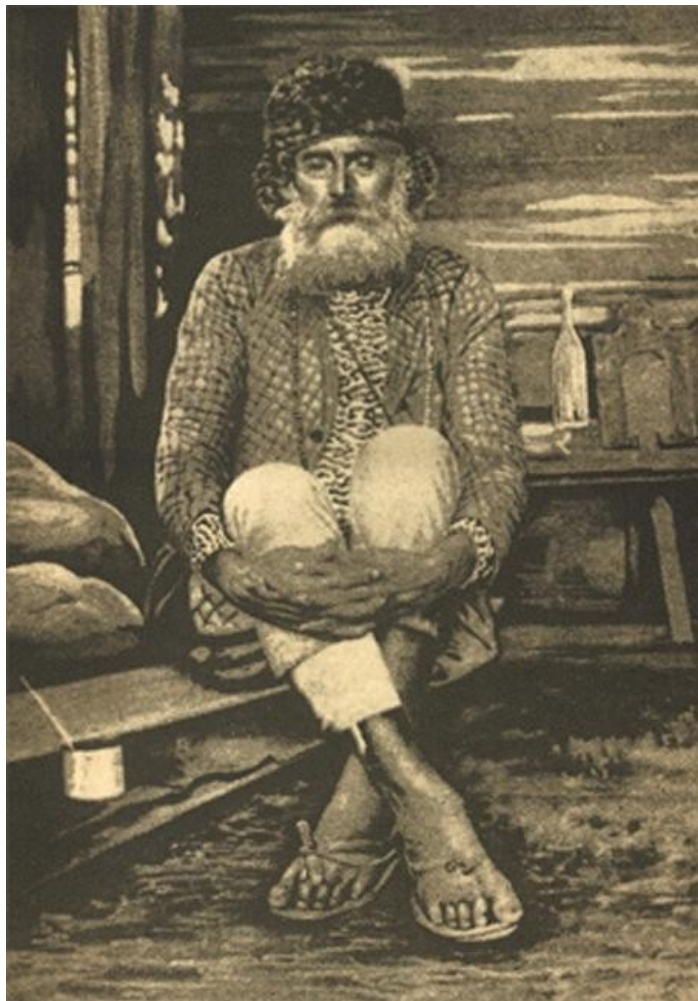
**Fonte:** KARSBURG, 2012, p.442

O segundo monge João Maria de Jesus, andou pelo planalto nos anos 1890 a 1908. Sobre ele, Brandt (2007, p.119) escreve que seu nome era Anastás Marcaf, que tinha algumas

semelhanças com o monge anterior, como as cruzes, e aconselhamentos à população.

“Porém algumas diferenças eram marcantes: João Maria de Jesus não aprovava o fim da monarquia, ou melhor, era contrário à república e foi simpático aos federalistas em 1893-95, teve uma relação hostil com o clero católico, fazia batizados e procurava um discurso apocalíptico com grande receptividade no planalto” (MACHADO, 2001 p.156-157).

**Figura 4:** Imagem de Anastás Marcaf o João Maria de Jesus



Disponível em: <https://www.jcorreiodopovo.com.br/ultimas-noticias/documentario-mostra-a-vida-do-monge-sao-joao-maria/>

. Acesso em: 30 de agosto de 2022

Para os caboclos (população do planalto), a figura de São João Maria era lembrada pelas curas, pelos poderes especiais feita através das “águas santas”, dos chás naturais feitos de plantas. “João Maria, como Cristo, tinha poderes especiais como atravessar rios caminhando [...] realizar curas milagrosas, adivinhas os pensamentos das pessoas e profetizar sobre o futuro.” (MACHADO, 2001 p.157). O monge passava por um local e ia embora,

nunca mais era visto no mesmo local. As notícias sobre o segundo monge vão até meados de 1908 e 1910, quando o mesmo desaparece. A informação que Brandt (2007, p.120) teve é que os moradores acreditam que o monge se recolheu no morro do Taió, região norte de SC.

Outro personagem marcante desse período é o monge José Maria, que também merece destaque, pois após sua aparição na região do contestado no ano de 1912, que se desencadeia a Guerra do Contestado. Segundo Machado (2001, p.167) não se sabe muito sobre a origem de José Maria, mas sabe-se que seu nome era Miguel Lucena de Boaventura e se dizia irmão do monge João Maria. Alguns moradores da região contestada afirmaram que José Maria era quem o monge João Maria previu ser o falso profeta, o acusavam de charlatanismo, rapto e abuso de menores, outros o defendem afirmando que ele “era um homem penitente e dado à ações de cura e caridade” (MACHADO, 2001 p.168).

**Figura 5:** Imagem atribuída ao José Maria



Disponível em:  
[https://en.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9\\_Maria\\_de\\_Santo\\_Agostinho#/media/File:Jos%C3%A9\\_Maria\\_Monge\\_do\\_Contestado.jpg](https://en.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Maria_de_Santo_Agostinho#/media/File:Jos%C3%A9_Maria_Monge_do_Contestado.jpg). Acesso em: 30 de agosto de 2022

Assim como João Maria, José Maria também realizava curas usando as plantas e a natureza. Mas diferente dos monges anteriores, Tania Calonga (2008, p.61) escreve que José

Maria, aceitava ficar próximo aos fiéis, aceitava as doações e auxílios pelos seus serviços, sabia ler e escrever, o que possibilitou que anotasse os conhecimentos sobre as plantas e passasse a quem o consultava. Conforme Mariana Annibelli (2009, p.39), as notícias sobre o monge trouxeram-lhe fama, o que atraiu muitas pessoas que iam ao seu encontro, principalmente quando cura a mulher do fazendeiro Francisco de Almeida, de Campos Novos, pois nem os médicos acreditavam na recuperação da mulher.

Após esse acontecimento, José Maria passa a morar na propriedade de Francisco de Almeida, onde tempos depois recebe a visita dos líderes de Taquaruçu e São Sebastião das Perdize. Praxedes Gomes Damasceno, Francisco Paes de Farias, Manoel Alves de Assunção Rocha e Eusébio Ferreira do Santos convidaram o monge para “a festa do Senhor Bom Jesus, realizada anualmente no primeiro domingo do mês de agosto, na localidade de Taquaruçu, vilarejo rural localizado no interior do município de Fraiburgo” (ANNIBELLI, 2009, p.39).

José Maria foi à festa do Bom Jesus em Taquaruçu e ao final da mesma, permaneceu na comunidade. Sua presença fez com que participantes da festa permanecessem em Taquaruçu e outras pessoas foram atraídas das comunidades vizinhas. Sertanejos que foram expulsos de suas terras pela empresa contratada para construir a ferrovia São Paulo - Rio Grande, que explorou as terras e a madeira ao redor da mesma, também se juntaram à Taquaruçu. O aumento populacional na região assusta o Coronel Albuquerque, que acreditava que a presença da população em volta de José Maria atrapalharia a política local. Sendo assim, manda chamar José Maria para conversar, que responde que estava muito ocupado cuidando das pessoas, porém a resposta que chegou ao coronel foi que a distância era a mesma para os dois.

“A resposta foi interpretada como uma insubordinação arrogante e serviu ao Cel. Albuquerque de pretexto para telegrafar ao governador do Estado pedindo intervenção do Regimento de Segurança para dispersar os ‘monarquistas de Taquaruçu’ [...] O Regimento de Segurança do Estado enviou um contingente de 30 soldados que, ao chegar em Curitiba, soube da iniciativa de José Maria de retirar-se do Município” (MACHADO, 2001 p.172-177)

José Maria abandona a cidade para evitar conflitos, sendo acompanhado pelas pessoas até Irani, distrito do município de Palmas, que na época estava sob jurisdição do Paraná, onde se instalam. A notícia da presença de José Maria chega à Curitiba, e foi divulgado pela imprensa que o grupo migrou para o local a mando do governo catarinense para criar confusão no território contestado.

Por conta destes temores políticos, o governo paranaense resolveu agir com força e rapidez. O extermínio do ajuntamento em torno de José Maria no Irani passou a ser

uma questão de honra para o comandante do Regime de Segurança do Paraná, o Coronel João Gualberto Gomes de Sá (MACHADO, 2001 p.180)

Antes do confronto acontecer, o Coronel Domingos Soares conversou com José Maria, que lhe afirmou não querer lutar e que o grupo sairia do local, mas que precisava de um prazo de três dias. Domingos procurou João Gualberto, mas este não concordou e atacou mesmo assim.

“Na manhã do dia 22 de outubro de 1912, na localidade do Banhado Grande do Irani, então Município de Palmas, região sob administração paranaense, uma força de mais de 50 soldados do Regimento de Segurança do Paraná entrou em confronto com um grupo de sertanejos seguidores do monge José Maria. A refrega durou menos de 1 hora e resultou em 23 mortos e dezenas de feridos de ambos os lados. Neste combate iniciava-se um conflito que, em diferentes fases e com características próprias, estendeu-se até o início de 1916.” (ESPIG; KARSBURG; MACHADO; VALENTINI; 2012 p.6)

Neste confronto inicial, segundo Queiroz (1966, p.106), José Maria logo no início do combate foi atingido por uma bala e faleceu. A força paranaense foi derrotada, e o comandante Coronel João Gualberto foi morto pelos caboclos. José Maria foi enterrado em cova rasa, pois seus seguidores acreditavam que ele retornaria para continuar lutando.

“Para os governos e os militares, a morte do monge, apesar de ter custado o sacrifício de vários soldados paranaenses e seu comandante, significava o fim do curioso movimento sertanejo. Com a morte da personalidade que atraía aquelas massas não havia mais necessidade de preocupação. A expedição do Coronel Phyrro, que chefiou uma coluna do exército que desceu pela ferrovia e circulou por um mês pelos campos de Palmas, concluiu que depois da morte do monge os sertanejos tinham dispersado e não ofereciam mais qualquer perigo.” (MACHADO, 2001 p.184)

Um ano após o primeiro conflito, os sertanejos seguidores de José Maria se reúnem em Taquaruçu, sob a liderança de Eusébio Ferreira dos Santos, na esperança que José Maria ressuscitasse. “O rápido crescimento do novo reduto (como eram chamados os acampamentos dos sertanejos), além demonstrar que a crença na ressurreição de José Maria era bastante forte na região, acabou por ‘incomodar’ os grandes fazendeiros do planalto catarinense.” (CARVALHO, 2009 p.17). Com isso, em dezembro de 1913 o exército e a polícia catarinense avançam contra o reduto, porém, são derrotados, aumentando a fama de rebeldes dos sertanejos.

Em janeiro de 1914, os homens do reduto de Taquaruçu se deslocaram para Caraguatá para construir um novo reduto, deixando vulnerável Taquaruçu, que no dia 8 de fevereiro foi novamente atacado e arrasado.

“Até o mês de fevereiro de 1914, a guerra tinha sido um conjunto muito restrito de pequenos combates, fugas e escaramuças. Quando as tropas do exército cercam e bombardeiam o reduto de Taquaruçu, ocorre um massacre até então inédito na região do

planalto.[...] Como os homens adultos tinham sido deslocados para a construção no novo reduto de Caraguatá, mais ao norte, a tropa oficial abriu fogo sobre um grande número de crianças, mulheres e velhos.” (MACHADO, 2011 p.179)

Esse episódio foi lembrado pelos sertanejos como uma grande injustiça pois nem mulheres, nem crianças e nem idosos foram poupados. Contudo, o número de rebeldes continuou aumentando e em junho de 1914, líderes de oposição da política local se juntaram ao movimento, “Bonifácio Papudo, Antônio Tavares Júnior e Aleixo Gonçalves formaram os seus redutos, ampliando ainda mais a quantidade e o raio de ação dos rebeldes.”(CARVALHO, 2009 p.18)

Em setembro de 1914, sertanejos atacam as principais vilas da região, e o governo nomeou o General Fernando Setembrino de Carvalho, como comandante da nova frente militar para combater os sertanejos. “Em janeiro de 1915 a estratégia de cerco montada por Setembrino surtiu efeito e ocorreram as primeiras rendições em massa” (CARVALHO, 2009 p.18). Nos próximos meses ocorreram conflitos mais intensos onde muitos rebeldes foram mortos, e as comunidades destruídas. A situação entre os sertanejos não estava muito boa, já que estavam vivendo em situações precárias e passando fome. Em dezembro de 1915 o último reduto foi derrotado, e novos sertanejos se renderam. No entanto, o atual e último líder dos sertanejos, Adeodato, só foi preso em julho de 1916, marcando o fim da guerra junto com o acordo de limites, assinado numa tentativa de pacificar a região contestada.

## 2.2. Ensino de história e a Guerra do Contestado em sala de aula

Sabe-se que o ensino de História na graduação difere em termos de aprofundamento de conteúdo e objetivos do ensino de História no ambiente escolar. Segundo Pereira (2008, p.114), essa diferença cria uma complexa relação entre a universidade e a escola, onde em cada espaço possui saberes com características bem específicas, já que tem tempos, modo de produção e transmissão próprio e específicos. No entanto, é certo que apesar das características específicas e diferenças, as disciplinas escolares dialogam com a sua ciência de referência e suas produções.

O conceito do que é uma disciplina escolar, segundo Bittencourt (2011, p.35), não é simples e está ligado ao entendimento do conhecimento escolar. Alguns estudiosos defendem a ideia de que a disciplina escolar é uma “transposição didática” e outros que a disciplina é um campo de conhecimento autônomo. A ideia de “transposição didática” entende a disciplina escolar como uma extensão da ciência de origem e dependente do conhecimento da

mesma, já que a disciplina transmite o conhecimento, estudos, pesquisas e produções acadêmicas de forma mais simples e didática. A outra ideia é de que a disciplina é um campo de conhecimento autônomo, que deve ser definida de acordo com o contexto histórico, pois entende-se que a “a disciplina escolar relaciona-se ao papel do conhecimento como instrumento de poder de determinados setores da sociedade” (BITTENCOURT, 2011, p.38). A disciplina é constituída por uma rede de conhecimentos e vai além de um campo de transmissão de conhecimento da ciência de origem, podendo produzir o próprio saber.

A disciplina de História surge na França no século XVIII, em um momento em que a burguesia lutava pela educação pública. “Esse movimento culminou na chamada revolução positiva, que legitimou, para a história, seu campo de atuação e seu método” (SCHMIDT; CAINELLI, 2009, p.11). No Brasil, a disciplina foi implantada no século XIX, no colégio Dom Pedro II, tendo como base, mesmo após a proclamação, a história da Europa. Segundo Schmidt e Cainelli (2009, p.12), a disciplina seguiu essa linha até 1860, quando inseriu-se junto com a história da Europa, uma história nacional do Brasil. Anos depois, no período republicano, a disciplina de História através das diretrizes da Lei da Educação de 1931 e 1961 passa a ser responsável pela formação dos cidadãos. Nesse período, segundo Schmidt e Cainelli (2009, p.13), a disciplina tinha como foco a pátria e os conteúdos e buscavam formar a nacionalidade do brasileiro, apresentando-lhes os heróis e marcos históricos.

Na década de 1980, a disciplina de História, tanto a ensinada nas escolas quanto o curso das universidades, começa a ser objeto de estudo e ter destaque nos debates da educação. As discussões são sobre o ensino de História, pensando na diversidade das abordagens, a diversidade dos temas, os livros didáticos, e também o que e como a história é ensinada nas escolas. Sobre esse período de debate, Bittencourt (2011, p.59), escreve que tinha-se a preocupação de denunciar o caráter ideológico da disciplina escolar de História e como podia ser manipulada de acordo com os interesses de alguns setores. Nesse momento também lutava-se contra a “proposta dos Estudos Sociais, identificada com os interesses e a ideologia dos representantes da ditadura militar brasileira” (SCHMIDT; CAINELLI, 2009, p.13). Ansiava-se reconquistar a autonomia da disciplina e retornar ao ensino crítico, onde somos sujeitos parte da história e não apenas receptores dela.

A partir dos debates e dos estudos que aumentaram na década de 1980, a disciplina e o ensino de história vem sendo reformulado.

“O grande marco dessas reformulações concentrou-se na perspectiva de recolocar professores e alunos como sujeitos da História e da produção do conhecimento



histórico, enfrentando a forma tradicional do ensino trabalhada na maioria das escolas brasileiras, a qual era centrada na figura do professor como transmissor e na do aluno como receptor passivo do conhecimento histórico” (SCHMIDT; CAINELLI, 2009, p.14)

Apesar das reformulações iniciadas na década 1980, o ensino de história, os métodos, os conteúdos, os artificios usados no ensino, não deixaram de ser temas de discussão, estudos e passar por modificações. Atualmente, segundo as autoras Schmidt e Cainelli (2009, p.15), as reformas nos currículos e as discussões sobre a disciplina são concentradas no que se ensina na escola (fundamental e médio), e nas universidades. A partir desses debates, da necessidade de mudanças curriculares na disciplina de História e nas demais disciplinas escolares, da busca pela concordância com o mundo contemporâneo, criou-se a Lei Federal nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, cujo objetivo apresentado por Schmidt e Cainelli (2009, p.15), é estabelecer uma referência de conteúdo mínimo e metodologia com o intuito de diminuir as diferenças de ensino no país, resultando no documento conhecido como Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Bezerra (2010, p.37) acrescenta que a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação as escolas “se comprometem a articular conhecimento, competências e valores, com a finalidade de capacitar os alunos a utilizarem-se das informações para transformação de sua própria personalidade, assim como para atuar de maneira efetiva na transformação da sociedade”.

Na disciplina escolar de História, a principal mudança apresentada nos PCNs é trabalhar com eixos temáticos.

“A principal justificativa para a mudança apresentada pelos autores do Parâmetros Curriculares Nacionais era a tentativa de superar o ensino de História baseado na cronologia. Propunha-se também a incorporação de novas perspectivas historiográficas como metodologia de ensino (por exemplo, o trabalho com linguagens culturais- cinema, música e fotografia, entre outras; além do trabalho com documentos escritos). Duas das principais contribuições dos Parâmetros Curriculares Nacionais foram a ênfase nas inovações metodológicas e o afino na busca de novos caminhos para a avaliação. Além de propor um trabalho menos expositivo e mais participativo, no qual o professor desempenha um papel de mediador, na avaliação sugeria-se a ideia de um trabalho contínuo, privilegiando a aprendizagem como processo, e não como produto para ser medido na prova” (SCHMIDT; CAINELLI, 2009, p.16)

Assim como as mudanças anteriores, os Parâmetros Curriculares Nacionais também foram e são debatidos até hoje, o que nos indica que a disciplina e o ensino de história não é algo imutável e que pode ser modificada e adaptada às necessidades do momento. Outro fato que influencia a construção da disciplina escolar de História é o próprio curso de História.

“A pesquisa histórica, a história ensinada na academia e o ensino de história na escola básica possuem tempos e modos de produção e transmissão bastante singulares e próprios,

portanto, distintos. Entretanto, não decorre dessa afirmação um elogio à cisão entre a pesquisa e o ensino ou entre a escola e a universidade. Ao contrário, o reconhecimento da especificidade de cada uma dessas histórias em cada um destes lugares pode bem permitir uma comunicação mais fecunda entre elas” (PEREIRA, 2008 p.114).

O objetivo das escolas é formar cidadãos e não historiadores, desse modo, o ensino de história escolar “deve priorizar o desenvolvimento da consciência histórica para que os estudantes possam analisar e interpretar as experiências históricas a fim de orientar suas ações e atitudes” (SANTOS; GRÜMM, 2016, p.8). Portanto na seleção de conteúdos a serem estudados, é importante pensar em trazer discussões próximas à realidade do estudante, para que ele entenda-se como sujeito histórico, “que envolva conceitos, que explore diferentes documentos históricos e que construa, juntamente com os alunos as noções de temporalidade” (SANTOS; GRÜMM, 2016, p.2), questões essas que auxiliam na formação da cidadania do aluno. Pensando dessa forma, entende-se que o “objetivo primeiro do conhecimento histórico é a compreensão dos processos e dos sujeitos históricos, o desvendamento das relações que se estabelecem entre os grupos humanos em diferentes tempos e espaços” (BEZERRA, 2010, p.42). Portanto, o papel da história como disciplina escolar é proporcionar que os alunos acumulem conceitos históricos, os ajudando a formar opiniões para que sejam “capazes de historicizar a própria vida e de, como consequência, promover rupturas e pôr em suas mãos os destinos da sua cidade, da comunidade, da região”(PEREIRA, 2008 p.120) .

Na busca para alcançar tais objetivos, o ensino de História na sala de aula, passa por uma seleção e organização dos conteúdos. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, já delimita de forma geral os conteúdos, e com base nela que os professores fazem suas escolhas e seleções. As escolhas devem levar em consideração como apresenta os autores Silva e Fonseca (2007, p.126), que não é possível ensinar e aprender tudo, que escolher os conteúdos é uma obrigação, e que entenda que “o cotidiano escolar não se desvinculam, não se deslocam do contexto histórico, social, econômico e cultural em que se situam” (SILVA; FONSECA, 2007, p.39). Assim sendo, “os conteúdos ocupam papel central no processo de ensino-aprendizagem, e sua seleção e escolha devem estar em consonância com as problemáticas sociais marcantes em cada momento histórico” (BEZERRA,2010)

Apesar do aumento das pesquisas e estudos sobre a Guerra do Contestado no meio acadêmico, Santos e Grüm (2016, p.2) apontam que há uma distância entre esse material de pesquisa e o material didático utilizado em sala de aula. Além disso, as produções acadêmicas não chegam no ambiente escolar, nem para os professores nem para os alunos, o que dificulta

o ensino sobre o conflito, que acaba sendo muitas vezes de maneira tradicional, apenas repetindo e memorizando a guerra.

A discussão sobre a Guerra do Contestado em sala de aula, segundo Braga e Sagredo (2014, p.134) é importante pois possibilita a desmistificação sobre a participação da religião, da política e do social, desconstrói estereótipos, preconceitos, a ideia de uma guerra de fanáticos, de messiânicos, permite ao estudante observar e identificar as consequências do conflito, e entender mais sobre a História do estado de Santa Catarina.

Sabendo do distanciamento entre produção acadêmica e o ensino de história e entendendo a importância do estudo da Guerra do Contestado fica a pergunta: o que é preciso fazer para aproximar as produções da sala de aula, e para fugir do ensino tradicional? Segundo Machado (2017), é necessária a formação de professores e a produção de materiais didáticos. Para isso, deve-se considerar alguns parâmetros sobre o movimento do contestado, como por exemplo: entender o projeto de modernização republicano no final do século XIX e início do século XX como algo que excluía uma parcela da população; não ver o Contestado como um movimento isolado e sim como parte da história do Brasil e da história latino-americana; refletir sobre as experiências das comunidades e “cidades santas” do Contestado; compreender que é um movimento extenso e complexo e por isso deve-se fixar em momentos cruciais quando lecionar sobre; aproveitar o estudo da guerra e discutir e refletir sobre outros assuntos que perpassam o movimento como povoamento, meio ambiente, transporte economia, Coronelismo; entender quem eram e o que é ser caboclo; conhecer sobre a religiosidade cabocla e não rotular como fanáticos. Lembrando que esses são alguns dos parâmetros que se pode utilizar ao tratar da Guerra do Contestado na sala de aula.

Através de uma pesquisa sobre a Guerra do Contestado em sala de aula, buscando saber qual a forma mais comum de trabalhar o tema nas escolas e quais matérias e atividades são utilizadas, o pesquisador irá se deparar com poucos trabalhos de pesquisa e encontrará mais relatórios de aulas como descritos a seguir numa análise desses trabalhos.

Assim como já discutido anteriormente neste texto, as professoras Santos e Grümmer (2016), debatem sobre o aumento de pesquisas sobre a guerra no meio acadêmico, mas consideram também que esse conhecimento não chega no ensino escolar. Diante disso, o professor muitas vezes não consegue sair do método tradicional, usando apenas o livro didático, um material elaborado para ser utilizado por todo o Brasil, e que, exatamente por sua ampla abrangência, não dá grande destaque as histórias locais e não insere o aluno nessa

história da qual ele também faz parte. Buscando preencher algumas lacunas, elas desenvolveram uma proposta de jogo de tabuleiro para os anos iniciais das escolas da região do meio oeste catarinense sobre o Movimento do Contestado. A escolha de um jogo para estudar esse tema se deve à vontade de romper com o ensino tradicional e para ter uma abordagem diferente de ensino da história local, “para debater uma abordagem da história que talvez não esteja no livro didático e que rompa com a valorização do factual, da memorização e da história oficial” (SANTOS e GRÜMM 2016, p.1).

No relatório da professora Karen Rechia (2011), ela descreve uma experiência de ensino da Guerra do Contestado em sala de aula, em um cenário atípico de aulas, pois eram um período de reposição de aulas após uma greve. Rechia (2011) após introduzir o assunto, entregou aos alunos um texto atribuído ao monge José Maria, que causou algumas reações negativas à atividade. Diante disso, conversando com os alunos e pensando na valorização dos estudantes como sujeitos históricos, considerando a situação de reposição de aulas que podem ser um período mais exaustivo, professora e alunos optaram por montar um tribunal que julgaria se os sertanejos participantes do Contestado seriam culpados ou inocentes. Partindo dessa decisão é relatado que pesquisas sobre o funcionamento de um tribunal foram realizadas, a seguir foram definidas qual personagem cada um seria, e assim realizadas as pesquisas mais aprofundadas sobre o Movimento do Contestado e seus personagens. Além do tribunal, ao final dessa experiência os alunos entregaram um texto individual relatando o conflito e sua atuação no tribunal. Ao concluir seu relato, a professora destaca que tal atividade só foi possível pelo cenário de reposição de aulas e principalmente pela disponibilidade de materiais sobre o tema, além do livro didático.

Angelo Aguiar (2021) em sua pesquisa de mestrado profissional em ensino de história, discute sobre o uso de fotografias, tiradas durante a Guerra do Contestado no ensino de história em sala de aula. No seu texto, destaca a importância de uso de outros recursos para as aulas, pois esses materiais possibilitam o desenvolvimento de uma postura crítica e evita a reprodução de discursos muitas vezes preconceituosos. Aguiar também apresenta um debate sobre o livro didático, relatando que apesar de ser um material com processo de produção rigoroso, não é suficiente, ao menos na questão do Movimento do Contestado, para superar os discursos tradicionais sobre o conflito.

No artigo de Braga e Sagredo (2014), elas discutem sobre o uso de fotografias em sala de aula e como o uso desse material histórico no tema contestado auxilia na desmistificação

religiosa política e social do movimento. As fotografias selecionadas foram publicadas em uma reportagem sobre os sobreviventes do conflito do Jornal Estadão e possibilitaram aprofundar-se no tema, já que além das fotos, a reportagem trazia os relatos dos moradores.

Como já relatado anteriormente, na pesquisa sobre Guerra do Contestado em sala de aula encontram-se mais relatórios de aulas e nesses é perceptível a busca por discutir o assunto da Guerra do Contestado para além do livro didático, sempre buscando alternativas para fugir do ensino tradicional, da utilização exclusiva do livro didático, o qual, segundo os relatos, não é suficiente, pois discute o tema de maneira superficial, não problematizando e não inserindo o aluno nessa história da qual ele também faz parte.

Os relatos precedentes são importantes e esclarecedores, pois são oriundos de pesquisas e experiências pedagógicas em ambientes escolares. Por isso mesmo, decidiu-se partir também para uma análise de materiais didáticos de história de uso escolar para avaliar, sob nossos pressupostos, se os mesmos atendem minimamente o conteúdo sobre a Guerra do Contestado. É sobre isso que trataremos no próximo capítulo.

### **3 OS LIVROS DIDÁTICOS E SEUS USOS NO ENSINO DE HISTÓRIA: ANÁLISE TEÓRICO METODOLÓGICA DE COLETÂNEAS DIDÁTICAS DISTRIBUÍDAS NA REDE MUNICIPAL DE PALHOÇA-SC**

No final do capítulo anterior foi exposto que, ao ministrar aulas sobre a Guerra do Contestado os professores perceberam que o livro didático não foi suficiente para a discussão do tema. Essa percepção provavelmente ocorre porque o livro didático é um material produzido para ser distribuído nacionalmente e os autores sintetizam a história, no caso do Brasil, pensando em colocar todo ou a maior parte da história, o que de certa forma obriga que vários temas não tenham uma discussão aprofundada. No entanto, seria essa a única causa para que os livros didáticos não sejam suficientes para a discussão da Guerra do Contestado? Pensando nessa pergunta e na tentativa de encontrar uma resposta é que se realizou a análise teórico-metodológica de livros didáticos.

De modo geral, os livros didáticos são materiais produzidos especificamente para serem utilizados no ambiente escolar, pois os conteúdos selecionados e a maneira como são escritos e editados são pensados para permitir situações de ensino e aprendizagem. A definição do que é um livro didático é complicada, porém “uma definição provisória, adotada por muitos pesquisadores, enuncia que o livro didático é qualquer livro, em qualquer suporte - impresso em papel, gravado em mídia eletrônica etc-, produzido explicitamente para ser utilizado na escola, com fins didáticos” (MUNAKATA, 2016 p.121).

No Brasil, como já dito, os materiais didáticos são distribuídos nacionalmente e esse fornecimento é realizado pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) que tem como foco principal os livros didáticos, mas também é responsável por outros materiais didáticos utilizados na educação nacional. Segundo Soares e Dias (2019, p. 202) este programa deriva do Instituto Nacional do Livro (INL) que foi criado em 1930. O PNLD foi iniciado através do Decreto nº 91542, de 19 de agosto de 1985. Além da distribuição das obras, estabelecia que os professores escolhessem os exemplares, que estes tivessem melhor qualidade de conteúdo e material, para que pudessem ser reutilizados.

A partir do ano de 1993, o programa criou as *Definições de critérios para avaliação dos livros didáticos*, utilizados para a produção e avaliação dos livros distribuídos. Assim, os livros que não estivessem de acordo com os critérios seriam excluídos. Esses parâmetros, sempre que necessário, são ampliados por grupos de profissionais compostos de “gestores de

políticas públicas dos livros didáticos, pesquisadores, formadores de professores, editores e autores de livros didáticos” (SOARES; DIAS, 2019, p. 205).

Em 2010, por meio do decreto nº 7.084, de janeiro de 2010, o programa passou por novas alterações e formalizou as diretrizes:

I – respeito ao pluralismo de ideias e concepções pedagógicas; II – respeito às diversidades sociais, culturais e regionais; III – respeito à autonomia pedagógica dos estabelecimentos de ensino; IV – respeito à liberdade e o apreço à tolerância; e V – garantia de isonomia, transparência e publicidade nos processos de avaliação, seleção e aquisição das obras (SOARES; DIAS, 2019 p. 206-207).

No site do Ministério da Educação, o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) é definido por um projeto que:

compreende um conjunto de ações voltadas para a distribuição de obras didáticas, pedagógicas e literárias, entre outros materiais de apoio à prática educativa, destinados aos alunos e professores das escolas públicas de educação básica do País. O PNLD também contempla as instituições comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos e conveniadas com o Poder Público. As escolas participantes do PNLD recebem materiais de forma sistemática, regular e gratuita. Trata-se, portanto, de um Programa abrangente, constituindo-se em um dos principais instrumentos de apoio ao processo de ensino-aprendizagem nas Escolas beneficiadas. (BRASIL, 2017)

Como se percebe, o PNLD é a mais importante iniciativa governamental para fomentar a produção e distribuição de materiais didáticos às redes escolares. No que se refere à proposta e/ou características dos materiais, são os professores e gestores das redes que fazem suas escolhas, de acordo com as propostas teórico-metodológicas dos materiais, que podem ser abrangentes e distintas, conforme apontaremos no próximo subcapítulo: Os livros didáticos de história: interpretações teórico-metodológicas.

### 3.1 Os livros didáticos de história: interpretações teórico-metodológicas

O livro didático é formado basicamente por textos informativos sobre a disciplina para a qual ele se destina, seguido de atividades ou exercícios. Com esse modelo espera-se que “a partir dos textos informativos, das ilustrações, diagramas e tabelas, seja possível a resolução dos exercícios e atividades cuja realização deve favorecer a aprendizagem” (LAJOLO, 1996 p.5). No entanto, essa obra deve ser pensada para além da qualidade dos conteúdos e dos exercícios, como afirma Lajolo (1996, p.6), pois a escola não é desassociada do contexto social, já que o estudante aprende também a partir do que ele já conhece do mundo.

Na mesma linha de pensamento de Lajolo, Jörn Rusen (2019, p. 98) destaca que o livro didático é uma ferramenta essencial para o ensino de história, pois é um dos meios mais importantes de levar os conhecimentos obtidos nas pesquisas da área de história para os bancos escolares. Devido a esta importância, este é um material que deve ser objeto de rigoroso estudo e análise antes de ser selecionado para distribuição, na tentativa de garantir que os exemplares que estão chegando às escolas estejam adequados ao ensino escolar de História .

Ainda de acordo com Lajolo (1996), a obra deve ser analisada em sua totalidade, fazendo uma leitura integral, lendo-a do início ao fim. Esse contato possibilita que quem analise conheça o livro e entenda se este é um material adequado, na questão dos conteúdos, da organização, mas também se consegue se relacionar com a vida do aluno. Sendo assim, um livro didático pode ser inadequado pelas informações incorretas ou pelos valores que carrega, mas também pela sua organização, pela falta de exercícios diferenciados que vão além da decoração de conteúdo e da não relação com o cotidiano e a vida dos estudantes.

Para analisar o livro didático de história, Rusen (2019, p.101) afirma que devemos ter em mente que aprender história é desenvolver a consciência histórica. A ideia de consciência histórica, ou desenvolvimento da consciência histórica, leva em conta o que os estudantes deveriam aprender, da história, dos acontecimentos, do passado, a fim de compreender o presente e ter condições de entender o que virá a acontecer. Isso porque “é através da narrativa das histórias que os sujeitos articulam sua própria identidade em uma dimensão temporal em relação com outras e, ao mesmo tempo, adquirem identificadores de direção sobre critérios de fixação de opinião para seu próprio uso.” (RUSEN, 2019, p. 101-102). Ser capaz de entender e observar através da memória histórica é definido por Rusen (2019, p.102) como competência narrativa, onde compreende-se o passado de maneira tão clara que o atual e o futuro são descomplicados, são simples em sua compreensão.

Segundo Circe Bittencourt (2011, p.311), para a análise de um livro didático de história deve-se estar atento a três aspectos: à forma, ao conteúdo histórico escolar e ao conteúdo pedagógico. Rusen segue uma linha de análise muito parecida em seu texto “O livro didático ideal”, ao descrever sobre análise pensando em categorias principais como: forma, percepção histórica, interpretação histórica e orientação histórica.

Sendo o livro didático um produto e uma mercadoria, as editoras utilizam de artifícios para torná-los objetos atrativos e para serem escolhidos pelos professores. É nesse ponto que



se realiza a análise da forma. O primeiro elemento a ser analisado é a capa “suas cores e ilustrações até o título e as informações sobre as vinculações com as propostas curriculares” (BITTENCOURT, 2011, p.312), muitas vezes sendo indicada com a informação de estar de acordo com o PNLD – Programa Nacional do Livro e do Material Didático. Outros elementos analisados são a qualidade do material, as informações de fabricação, junto com editores, ilustradores, autores e a apresentação gráfica, ou seja, como o livro está dividido e se esta divisão facilita o manuseio e entendimento do estudante.

Sobre a análise da forma, Rösen (2019 p.104) acrescenta que um bom livro didático, quando pensado para seu uso no ensino prático, tem quatro características: um formato claro e estruturado; uma estrutura didática clara; uma relação produtiva com o aluno e uma relação com a prática da aula. Cada uma destas características será destacada a seguir:

- a) *Formato claro*: “modelo claro e simples, uma distribuição e uma estruturação clara de todos os materiais, ajuda para a orientação na forma de títulos e indicações e, também, um anexo que inclua um índice, um glossário com explicações dos termos e nomes mais importantes e uma bibliografia com livros apropriados para ampliar os temas” (RUSEN, 2019 p.104).
- b) *Estrutura didática*: “O formato do livro e a estruturação de seus materiais devem estar configurados de tal maneira que inclusive os alunos possam ser capazes de reconhecer suas intenções didáticas, o plano de estruturação que forma sua base, os pontos mais importantes de seu conteúdo e os conceitos metodológicos de ensino” (RUSEN, 2019 p.104-105).
- c) *Relação com o aluno*: O livro didático deve estar estruturado para dar condições de aprendizado ao estudante, principalmente na questão da linguagem que deve ser clara e adequada para o nível de ensino do estudante. Além da linguagem, a matéria ou conteúdo do livro tem que ter uma relação com a vida, e o cotidiano dos alunos, nas palavras do autor “se existe uma relação entre as interpretações históricas apresentadas no livro e os problemas de orientação do presente, esta contribuirá consideravelmente para o potencial de ensino do livro” (RUSEN, 2019, p.105). Por fim, um livro que se direciona diretamente ao aluno cria uma boa relação com o mesmo.
- d) *Relação com a aula*: Um livro didático só é útil se pode ser utilizado em sala de aula, já que esta é a função para qual ele é elaborado. No entanto, se este é um livro apenas

de exposição de conteúdo, que não possibilita o desenvolvimento do estudante, da sua capacidade de crítica, de argumento da construção da memória histórica, ele não é um livro adequado para a sala de aula. “O livro didático deve oferecer a possibilidade de verificar as interpretações dadas e de elaborar interpretações próprias, ou melhor, mediante a própria interpretação, estabelecer contextos históricos com base na documentação dada” (RUSEN, 2019, p.107). Além disso as atividades, exercícios não podem ser sugestivos, devem estimular a autonomia, a capacidade de argumentação e o pensar por si próprio.

A análise do conteúdo histórico escolar é de extrema importância, pois, como já dito e reforçado por Bittencourt (2011, p.313), o livro didático é o meio principal de acesso aos conteúdos históricos escolares e é um importante instrumento de trabalho do docente. Sendo assim, conhecer o que o livro didático proporciona é de suma relevância. Para esta avaliação, deve-se atentar à bibliografia, à seleção de documentos e excertos de obras, elementos que indicam a tendência histórica predominante e, ainda, à efetividade dos conteúdos apresentados no livro:

O livro didático procura universalizar leitores distintos e estabelecer uma ‘cadeia de transferências’ do conhecimento histórico sem divergências. Quem elabora manuais escolares almeja sua eficiência como transmissor de determinados conhecimentos e para isso recorre a uma linguagem que não seja não só acessível a um público heterogêneo e de fácil assimilação, mas, ao mesmo tempo, capaz sintetizar muitas informações. (BITTENCOURT, 2011, p.314)

Portanto, a elaboração e escolha dos conteúdos exige cuidado, principalmente porque quem escreve são adultos e quem lê são pessoas de outras faixas etárias e gerações. “A terminologia empregada não pode ser complexa, mas requer precisão nas informações e nos conceitos. Da mesma forma, as explicações não podem ser extensas, devendo *ser simples sem simplificar*” (BITTENCOURT, 2011 p.314).

O último e terceiro tópico de observação de Bittencourt é relativo aos conteúdos pedagógicos, que é a articulação entre a informação e a aprendizagem. “É importante perceber a concepção de conhecimento expressa no livro; ou seja, além de sua capacidade de transmitir determinado acontecimento histórico, é preciso identificar como esse conhecimento será aprendido” (BITTENCOURT, 2011 p.315). O livro didático, além de disponibilizar conteúdo histórico, deve oferecer métodos de aprendizagem, pois ele não é apenas um livro de determinada disciplina, é também um livro pedagógico.

Esta categoria de análise dos conteúdos históricos escolares e os conteúdos pedagógicos dos exemplares didáticos de Bittencourt podem ser associadas e complementadas pelas outras categorias apresentadas por Rusen, como a “análise da percepção histórica”, a “interpretação da histórica” e a “orientação histórica”, que serão discutidas a seguir. A investigação da percepção histórica para o autor depende de três características: a maneira em que se apresentam os materiais; a pluridimensionalidade em que se apresentam os conteúdos históricos e a pluri perspectiva da apresentação histórica.

- a) *Apresentação dos materiais históricos*: Os livros didáticos devem apresentar os diferentes materiais, como imagens, mapas e textos, que mostram aos estudantes as variedades históricas, e “não devem apresentar unicamente as experiências históricas já interpretadas e as percepções já assimiladas de forma cognitiva” (RUSEN, 2019, p.108). Através das imagens, que devem estar presentes nos livros para além da ilustração, o estudante pode interpretar, analisar fontes e relacionar com o conteúdo escrito. Os mapas auxiliam os alunos a compreender as extensões e a passagem de tempo. Por fim os textos devem ser apresentados de maneira simples e clara e principalmente precisam ser atrativos aos leitores.
- b) *Pluralidade da experiência histórica*: O livro didático, para Rusen (2019, p.110-111), precisa apresentar em seu conteúdo as experiências e momentos históricos importantes, que estão relacionados à economia, sociedade, política, cultura, e à temporalidade, mudanças a longo e curto prazo.
- c) *Pluri Perspectividade (ao nível dos afetados)*: Neste ponto, o livro didático tem que discutir a história partindo de várias perspectivas. Isto porque mostra aos estudantes que um mesmo acontecimento pode ser compreendido aos que são afetados por ele, de maneiras diferentes.

Rusen lembra também que o livro didático não é um material cujo objetivo é a divulgação científica, assim, os conteúdos ali presentes não precisam estar escritos seguindo as normas de divulgação científica, com uma escrita mais formal, e com conceitos e palavras muitas vezes entendidas apenas pelos pesquisadores da área. “Contudo, o livro didático está subordinado ao estado da pesquisa como uma ‘instância de veto’: não deve conter falhas, e isto significa também que não deve apresentar interpretações históricas que contradigam o estado de conhecimentos científicos” (RUSEN, 2019, p.112). Além disso, todo material utilizado, textos, imagens, mapas, devem ter as fontes citadas.

Refletindo sobre o que foi discutido até aqui sobre a Guerra do Contestado em sala de aula e das interpretações teórico-metodológicas dos livros didáticos, no subcapítulo a seguir, partimos para a análise dos livros de História do 9º ano, será apresentado o estudo realizado com as fontes selecionadas.

### 3.2 Análise dos livros de História do 9º ano

Para a escolha dos livros didáticos, fontes desta pesquisa, levou-se em conta a disponibilidade e a facilidade de acesso. Pensando que a autora deste trabalho reside na cidade de Palhoça, essa foi a justificativa para escolha deste município. Palhoça é um município do estado de Santa Catarina, situado na região metropolitana de Florianópolis. Segundo os dados divulgados pela Rede Municipal de Ensino de Palhoça, na sua página no site da prefeitura, a cidade tem 26 escolas do Ensino Fundamental e atendem os 6.777 alunos dos anos iniciais e 4.171 alunos dos Anos Finais (esta última modalidade está presente em 14 das 26 unidades escolares municipais).

A decisão sobre quais livros didáticos e quais anos escolares selecionados para esta pesquisa ocorreu a partir da análise da Base Curricular da Rede Municipal Ensino de Palhoça, homologada em 2019, sendo um documento elaborado a partir da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Por este documento, percebeu-se que a Guerra do Contestado é uma temática a ser trabalhada no 9º ano do ensino fundamental, na unidade temática intitulada “O nascimento da República no Brasil e os processos históricos até a metade do século XX”. Sendo assim, as fontes selecionadas para essa pesquisa são livros didáticos de 9º ano distribuídos na rede municipal de Palhoça.

Feito esse recorte, realizou-se uma consulta no site do FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, no sistema SIMAD – Sistema do Material Didático, onde é possível consultar um catálogo dos livros didáticos distribuídos no território nacional. Neste sistema, foram encontradas informações importantes sobre os livros distribuídos na rede municipal de Palhoça entre os anos de 2014-2022, período escolhido para a análise. A escolha desse período deve-se ao fechamento de três ciclos do PNL D, o que permite a análise de três livros didáticos utilizados como fonte. Vale ressaltar que o município distribui a mesma coletânea em todas as escolas, fato que foi contestado a partir da consulta de escola por escola no SIMAD.

Posto isto, os livros didáticos utilizados como fonte primária deste trabalho são: *Vontade de Saber: História 9º ano*, dos autores Marco César Pellegrini, Adriana Machado Dias e Keila Grinberg da editora FTD, distribuídos no ciclo 2014-2015-2016; *Estudar História: das origens do homem à era digital 9º ano*, das autoras Patrícia Ramos Baick e Anna Barreto da editora Moderna, distribuídos no ciclo 2017-2018-2019; e *Araribá: Mais História*, uma obra coletiva da editora Moderna, distribuídos no ciclo 2020-2021-2022.

A análise dos livros seguiu a discussão e categorias teórico-metodológicas apresentadas neste capítulo, em especial os referenciais de Bittencourt, Rusen e Lajolo em conjunto com o que foi apresentado no capítulo anterior, sobretudo as discussões sobre o *Contestado em sala de aula*, de Paulo Pinheiro Machado. Assim, analisou-se a forma e qualidade dos livros através da observação da capa e páginas dos livros, o conteúdo sobre a *Guerra do Contestado*, verificando se as informações possuem ou não uma vinculação com os saberes acadêmicos sobre o tema, se a escrita é adequada aos estudantes, se as atividades e exercícios propostos fogem da simples decoração de conteúdo.

O primeiro livro analisado foi *Vontade de Saber: História 9º ano*, utilizado no ciclo 2014-2015-2016, cuja capa está representada a seguir (figura 6). O livro é da editora FTD, feito de um material de boa qualidade. A capa é simples, e traz a imagem de um jovem e de Martin Luther King<sup>1</sup>, uma figura muito importante do século XX, que é a principal era estudada no livro. No entanto, mesmo sendo uma capa simples, se pensarmos no que Bittencourt e Rusen falam sobre a forma do livro, sobre ser uma mercadoria, sobre ter uma um formato e organização clara, este material com uma capa simples mas clara e organizada o torna uma boa mercadoria.

---

<sup>1</sup>Martin Luther King (1929-1968), era um Pastor da Igreja Batista, conhecido por ser um ativista norte-americano que lutou contra a discriminação racial e pelos direitos civis dos negros. Uma das principais conquistas é a aprovação da Lei dos Direitos Civis no ano de 1964, que tornou ilegal a segregação no Estados Unidos. Neste mesmo ano recebeu o Prêmio Nobel da Paz. Martin foi morto em 1968 quando estava lutando por melhores condições aos trabalhadores de limpeza pública.

**Figura 6 :** Imagem da capa do livro Vontade de Saber: História 9º ano



**Fonte:** Acervo da autora.

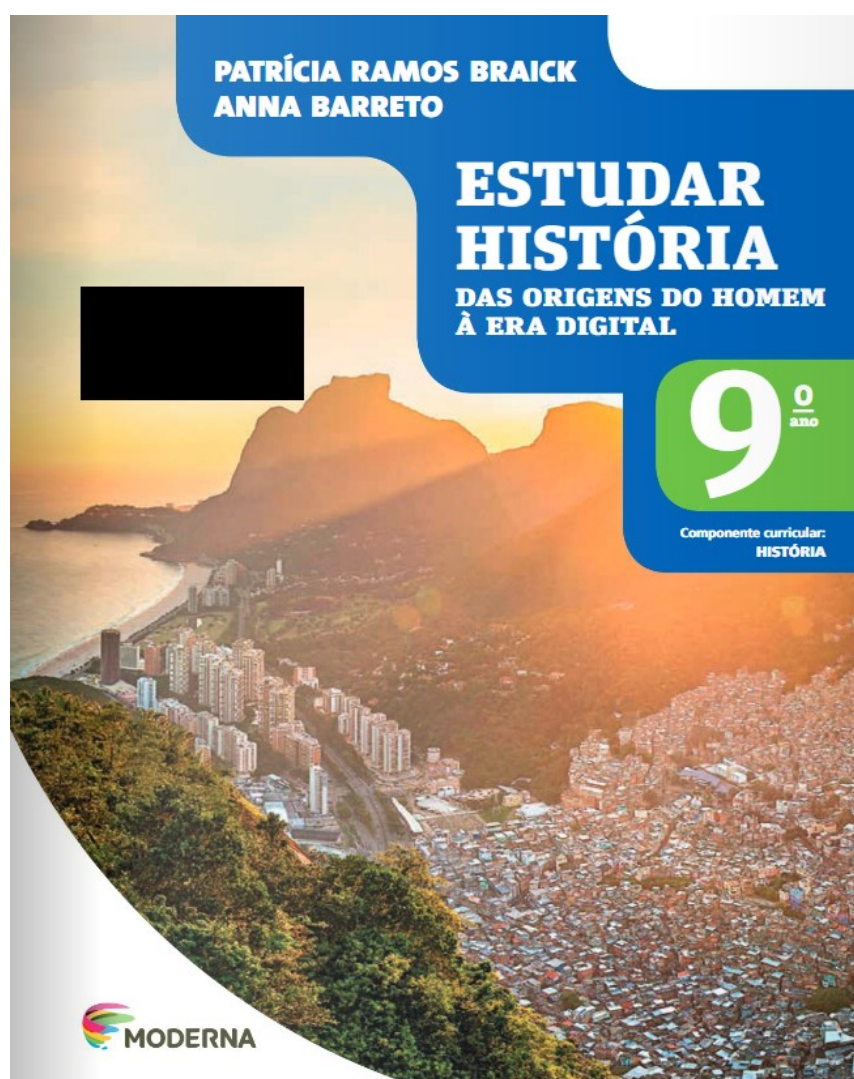
Observando o sumário, vê-se que o livro está separado em capítulos e cada capítulo tem subitens. Uma estrutura bem elaborada e separada que facilita o uso, pois é fácil de utilizar e encontrar o tema no decorrer do livro com o auxílio do sumário. Um destaque deste exemplar é que o primeiro capítulo é uma introdução à disciplina de História. Neste capítulo estão presentes conteúdos sobre o que é, qual a importância, quem faz história e alguns conceitos importantes da história. Isto é um destaque, pois esse assunto geralmente só aparece em livros do 6º ano, que é quando essa introdução à disciplina de história acontece.

Procurando no sumário, o capítulo que fala sobre a Primeira República ou início da República, que seria onde se encontra o assunto Guerra do Contestado, vemos que este é o capítulo 3, “o início da República no Brasil” O tema Guerra do Contestado, porém, não é encontrado. Mesmo folheando página a página da obra não se encontra nenhum conteúdo

sobre o conflito. Neste caso, para o professor trabalhar o assunto, tem que buscar outros materiais. É provável que a falta do tema seja principalmente pelo fato de que o livro didático é um material de distribuição nacional e um material de ensino escolar, e alguns assuntos acabam sendo cortados na seleção dos que serão abordados no livro.

A imagem a seguir (figura 7) é a capa do livro Estudar História, das origens do homem à era digital 9º ano, do ciclo 2017-2018-2019, segunda obra selecionado para a análise. Pensando como um produto, este exemplar da editora moderna é de ótima qualidade, pois atende os pontos indicados pelos autores utilizados como base na análise. Na capa observa-se o nome das autoras e uma fotografia atual, que mostra a diversidade de ambientes de uma localidade, pois há natureza, prédios bem altos e o que parece ser uma comunidade.

**Figura 7:** Imagem da capa do livro Estudar História das origens do homem à era digital 9º ano



**Fonte:** Acervo da autora.

A organização do livro é bem clara. É possível observar isso já no início, na maneira como é apresentado o sumário, os conteúdos estão separados em unidades, e cada unidade é separada em capítulos nomeados com letras maiúsculas na cor azul, e cada capítulo possui subitens, uma disposição que facilita a localização do tema pelo estudante. Vale ressaltar que os conteúdos presentes na obra *Estudar História: das origens do homem à era digital*, para o 9º ano, seguem o que é proposto pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

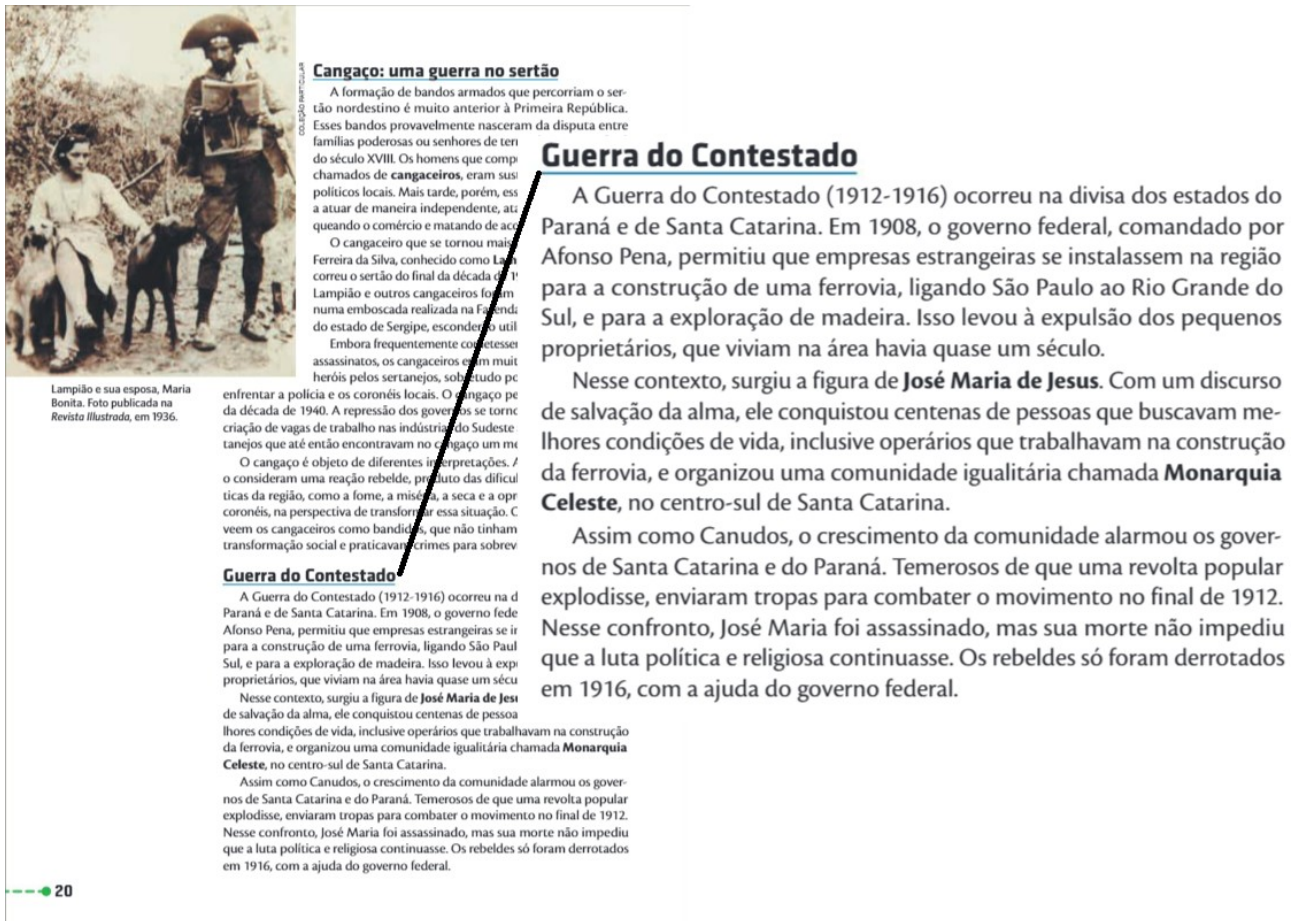
Ao folhear o livro, notamos a organização e a boa estruturação dele. O começo dos capítulos estão bem identificados, com o título de cada um em destaque, os subitens também estão bem indicados. Os textos são bem diagramados e, mesmo que tenha informações adicionais nas laterais, elas não atrapalham o texto principal e estão bem sinalizadas. A página de atividade segue os mesmos padrões de organização e identificação. Sendo assim, o livro *Estudar História: das origens do homem à era digital* para o 9º ano, possui uma boa forma, boa qualidade, é bem organizado e nessa questão é adequado para o uso em sala.

Sobre o conteúdo da Guerra do Contestado, que é o foco principal da análise, com o auxílio do sumário, na Unidade I “Brasil e mundo na aurora do século XX”, no capítulo 1 “A primeira república no Brasil”, no subitem “Conflitos rurais na Primeira República” encontramos o tema Guerra do Contestado.

Folheando até a página indicada pelo sumário, encontramos o que observamos na figura 8. A página apresenta dois pequenos textos, sendo um deles sobre a Guerra do Contestado. Mesmo procurando no sumário ou ao decorrer do livro, esse é todo o conteúdo presente no livro sobre o tema. Um trecho muito curto que mesmo sem leitura já se sabe que não é o suficiente para a discussão do tema, mas como já tratado anteriormente neste trabalho, o livro didático dá conta de assuntos a nível nacional, então muitos temas são tratados rapidamente.



Figura 8: Imagem da página 20 do livro Estudar História das origens do homem à era digital



Fonte: Acervo da autora.

Através da leitura do texto, percebe-se que a linguagem é muito clara, de fácil entendimento ao leitor. No entanto, orientando-se pelas características destacadas por Bittencourt, Rusen e Lajolo sobre os conteúdos históricos e como esses estão sendo apresentados, o tema está sendo exibido de maneira muito resumida, não passando de uma transmissão de conhecimento e não possibilita, não estimula uma discussão mais profunda sobre as questões religiosas, políticas e sociais que circundam esse tema.

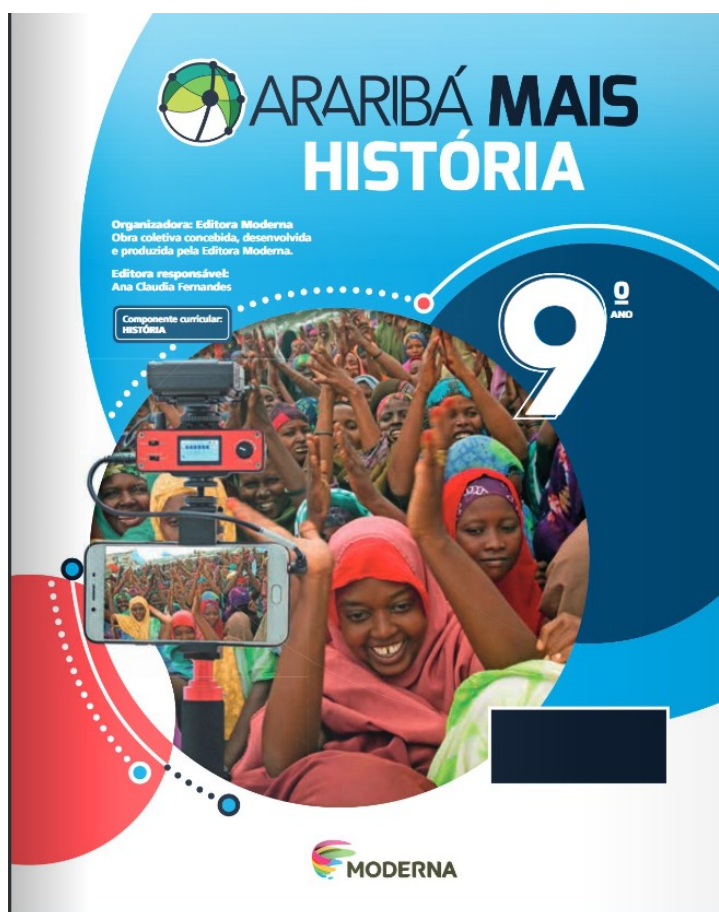
Além disso, retomando a discussão de Machado (2017), sobre a Guerra do Contestado em sala de aula, esse texto até pode abrir portas para algumas discussões, de maneira muito superficial, de assuntos como a exclusão da população local, a existência de mais movimentos parecidos no período, a questão da religiosidade e as consequências do movimento. Mas não são discussões que possibilitem um melhor entendimento de um movimento tão complexo.

Finalizando a análise deste livro, não se tem a presença de outros materiais sobre o Contestado se não o texto destacado, ou seja, não há imagens, fotografias ou mapas, muito

menos atividades que poderiam acrescentar no ensino do tema, e, mesmo com a presença de um texto, o professor ou até mesmo o aluno que gostaria de saber mais sobre o assunto teria que utilizar outros materiais.

O último livro analisado é o Araribá Mais: História do 9º ano, distribuído no ciclo 2020-2021-2022. Analisando a forma deste exemplar (Figura 9), a qualidade do material do livro, é boa, resistente, podendo durar mais tempo que um ciclo. Os tons de azul não carregam a capa e dão destaque para a imagem escolhida para a capa do livro do 9º ano, uma imagem que mistura a atualidade do digital com a tradição, com a diversidade cultural. Além disso está presente na capa os autores e a editora.

**Figura 9:** Imagem da capa do livro Araribá Mais: História



**Fonte:** Acervo da autora.

Em relação à organização deste livro, assim como nos livros anteriores, nota-se que ela é boa. No entanto, diferente do livro anterior, que é da mesma editora, este tem uma diagramação e estrutura de sumário e do restante do livro visualmente mais limpo e claro. Assim como no livro anterior, o sumário é separado em unidades, cada unidade é separada em

capítulos, e cada capítulo possui subitens, uma divisão clara e facilitadora ao estudante. Todos os temas selecionados e discutidos no livro Araribá Mais: História do 9º ano estão de acordo com o que é proposto pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Portanto esta obra atende as características de uma boa mercadoria/produtos citados por Bittencourt e Rusen.

Passando para a análise do interior do livro percebe-se o mesmo que nos anteriores, uma boa estrutura, com marcação de início e capítulo e subitens bem destacados. Os textos não fogem da qualidade dos anteriores, são bem esquematizados tanto no corpo principal quanto nas informações adicionais, e adequados para a utilização em sala de aula. Contudo, vale lembrar que este possui um visual mais limpo para os olhos do leitor.

A respeito do nosso objeto de análise, encontramos o conteúdo sobre a Guerra do Contestado através do sumário localizamos o tema na Unidade I “A república chega ao Brasil”, no capítulo 1 “Uma república em construção”, no subitem “Conflitos no campo”.

Neste livro o tema tem uma discussão maior e está dividida em duas partes: “A Guerra do Contestado” e “O desenrolar do conflito”. Este fato já demonstra que os autores do livro aprofundaram um pouco mais o assunto. Na primeira parte, “A Guerra do Contestado” (Figura 10), o tema é apresentado de forma clara e simples, de fácil entendimento, com mais conteúdo, diferente do livro anterior, mesmo sendo apresentado resumidamente. Além do conteúdo nessa primeira parte, o livro apresenta a fotografia de um dos monges, um mapa que mostra a região que estava sendo disputada pelos estados de Santa Catarina e Paraná, a região onde ocorreu o conflito e a estrada de ferro São Paulo- Rio Grande, que passava na região do Contestado. Além disso, disponibiliza um link de uma exposição online do Museu Paranaense, sobre a Guerra do Contestado, que apresenta mais matérias, principalmente visuais, sobre o conflito.

**Figura 10:** Imagem das páginas 23 do livro Araribá Mais: História

### A Guerra do Contestado

A Guerra do Contestado ocorreu entre 1912 e 1916 no sul do país, em uma região disputada judicialmente entre os estados do Paraná e Santa Catarina (veja o mapa abaixo).

No início do século XX, muitos agricultores e posseiros se estabeleceram na região. Mas, ao longo dos anos, seus territórios foram ocupados por fazendeiros interessados na extração de erva-mate e madeira. Além disso, a presença de grandes companhias estrangeiras envolvidas na construção de estradas de ferro reduzia ainda mais o espaço das lavouras de subsistência das famílias camponesas.

Nesse período, surgiram na região muitos movimentos messiânicos. Um dos pregadores com maior número de adeptos era o monge José Maria. Seus seguidores acreditavam que o fim do mundo estava próximo e que a adesão ao movimento significaria a salvação da alma.

Ao grupo de José Maria uniram-se também operários recrutados para a construção da ferrovia que tinham sido demitidos e proibidos de viver às margens da estrada. O anseio dessas pessoas por terra, trabalho e melhores condições de vida associou-se à religiosidade popular, tornando as tensões sociais da região ainda mais explosivas.



Fotografia do monge José Maria de Agostinho, líder do movimento messiânico do Contestado, c. 1910. Museu do Contestado, Santa Catarina.



**GUERRA do Contestado.** Disponível em: <<http://www.museuparanaense.pr.gov.br>>. Acesso em: 26 maio 2018. O Museu Paranaense foi aberto em 1876 e está localizado na cidade de Curitiba (PR). No site, na aba "Memorial de Exposições", é possível acessar uma exposição especial sobre a Guerra do Contestado.

Elaborado com base em dados obtidos em: NOSSA, Leonencio. Os principais embates da guerra. *O Estado de S. Paulo*, 11 fev. 2012. Disponível em: <[https://www.estadao.com.br/infograficos/politica/os-principais-embates-da-guerra\\_208478](https://www.estadao.com.br/infograficos/politica/os-principais-embates-da-guerra_208478)>. Acesso em: 26 maio 2018.

**Fonte:** Acervo da autora.

Na segunda parte “O desenrolar do conflito” (Figura 11) a apresentação do conteúdo segue a linha do anterior, com uma linguagem clara e uma explicação simples. Nesta parte também tem uma imagem do “Cemitério do Contestado” onde algumas vítimas do conflito foram enterradas. No livro Araribá Mais: História do 9º ano, o tema Guerra do Contestado é discutido mais profundamente, nos limites do ensino de história para o ensino fundamental.

Analisando os conteúdos a partir da discussão de Machado (2017), conclui-se que os estudantes podem entender a questão da exclusão da população, a ocupação da região por pessoas interessadas no que a região podia oferecer (erva-mate e a madeira). É possível



compreender que o movimento não é isolado, principalmente pela junção com os conteúdos discutidos anteriormente e depois da Guerra do Contestado (Guerra de Canudo e o Cangaço).

**Figura 11:** Imagem das páginas 24 do livro Araribá Mais: História

#### O desenrolar do conflito

A movimentação de camponeses e outros trabalhadores pobres em torno do monge José Maria gerou a desconfiança dos governos estaduais e federal, e essa tensão se converteu em conflito armado em outubro de 1912.

Como parte de suas peregrinações, o monge, acompanhado de um grupo de fiéis, foi até a cidade de Irani. A cidade, situada hoje no estado de Santa Catarina, era centro de uma disputa territorial entre Santa Catarina e Paraná. Por isso, as autoridades paranaenses pensaram que os caboclos tinham sido enviados pelo governo de Santa Catarina e iniciaram um ataque ao grupo, que culminou com a morte de José Maria.

A crença de que o monge ressuscitaria levou ao surgimento de "cidades santas", comandadas por meninas que, segundo se acreditava, tinham visões e recebiam instruções diretamente de José Maria. Inicialmente religioso, o movimento tornou-se político. Os caboclos reivindicavam o direito à terra e à liberdade religiosa.

O exército enviou cerca de dois terços de seu efetivo para a região, equipando as tropas com canhões. Pela primeira vez no Brasil foram utilizados aviões com fins bélicos.

Em 1915, o cerco ao movimento intensificou-se. A truculência do exército, a falta de alimentos e a proliferação de doenças enfraqueceram os rebeldes e provocaram o fim do conflito, em 1916, deixando cerca de 20 mil mortos, principalmente caboclos pobres.

Parte dos descendentes dos rebeldes do Contestado vive hoje em comunidades no interior do estado de Santa Catarina. Dedicam-se, principalmente, aos cultivos de subsistência e ao trabalho temporário em grandes fazendas ou madeireiras.



Entrada do Cemitério do Contestado, no município de Irani, Santa Catarina. Fotografia de 2011. No cemitério, estão enterradas algumas das vítimas do conflito.

**Fonte:** Acervo da autora.

A reflexão sobre as comunidades e “cidades santas” do Contestado, a discussão sobre como o movimento é extenso e complexo, a participação da religião, da política e do social, a desconstrução de estereótipos e as consequências do conflito, são outros pontos dos quais, a partir do texto, o estudante pode conhecer. Por se tratar de um resumo, contudo, o texto não é suficiente para uma discussão mais profunda.

Para encerrar a análise deste livro, na seção de atividades (figura 12), os autores propõem aos estudantes que façam um texto comparando os movimentos Canudos e Contestado. Essa atividade é uma forma de ensinar para além da exposição do conteúdo. A

comparação entre os movimentos pode fazer com que o aluno note semelhanças e diferenças e compreenda melhor os movimentos.

**Figura 12:** Imagem das páginas 26 do livro Araribá Mais: História

**atividades**

**1** A queda da monarquia e o estabelecimento da república no Brasil resultaram de um conjunto de transformações. Sobre isso, responda:

- Por que os militares estavam insatisfeitos com o governo imperial?
- Que motivos geraram o afastamento entre a Igreja católica e a monarquia, fato que ficou conhecido como Questão Religiosa?
- Os cafeicultores do Oeste Paulista defendiam a implantação da república e do federalismo no país. De que forma eles seriam beneficiados com tais mudanças?
- Com a abolição da escravidão em 1888, muitos fazendeiros de café do Vale do Paraíba, tradicionalmente aliados do imperador, também passaram a apoiar o movimento republicano. Por quê?

**2** As expressões a seguir são usadas para definir as características do sistema de poder da Primeira República. Explique o significado de cada uma delas.

- República Oligárquica
- Política dos Governadores
- Política do café-com-leite
- Coronelismo

**3** Leia o trecho a seguir de um livro do historiador José Murilo de Carvalho.

O povo assistiu bestializado à proclamação da República, segundo Aristides Lobo.

[...]

O povo sabia que o formal não era sério. Não havia caminhos de participação, a república não era para valer. Nessa perspectiva o bestializado era quem levasse a política a sério, era o que se prestasse à manipulação. [...] Quem apenas assistia, como fazia o povo do Rio por ocasião das grandes transformações realizadas a sua revelia, estava longe de ser bestializado. Era **bilontra**.

CARVALHO, José Murilo de. Os fundadores do Rio de Janeiro e a república que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 159, 160.

**Bilontra**  
Que ou quem age com esperteza.

**4** Faça um texto comparando os movimentos de Canudos e do Contestado. Indique o local e a época de cada movimento, as motivações, os líderes, os grupos envolvidos e o desfecho de cada um deles.

**5** Analise, com dupla, resp

**6** Faça um texto comparando os movimentos de Canudos e do Contestado. Indique o local e a época de cada movimento, as motivações, os líderes, os grupos envolvidos e o desfecho de cada um deles.

**7** Que aspecto da política brasileira do início do século XX o artista procurou representar na charge?

**8** Escrevam um texto para identificar e explicar a crítica que o artista da charge pretendeu fazer ao eleitor e aos políticos daquele período.

**9** Com suas palavras, defina o que é banditismo social e explique por que os cangaceiros podem ser considerados bandidos sociais.

STORNI, Alfredo. As próximas eleições... "de cabresto", 1927. Charge publicada na revista *Careto*. Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.

26 Unidade 1 – A república chega ao Brasil

**Fonte:** Acervo da autora.

Após a análise dos três livros selecionados, a partir dos autores Bittencourt, Rusen, Lajolo e Machado percebe-se que o livro Araribá Mais: História do 9º ano, o último analisado e o mais recente produzido, é o melhor mais completo para o ensino da Guerra do Contestado na sala de aula, mesmo que ainda falte algumas questões ou não se aprofunde muito no tema, devido a forma como o livro foi elaborado e pela necessidade de ser um material utilizado em nível nacional. Isso porque é um produto de boa qualidade, capa atrativa, boa organização estrutural, facilitando o uso e acesso do aluno.

### 3.3 A importância do estudo mais aprofundado do tema em sala de aula

A partir da análise dos três livros didáticos selecionados, conclui-se que o livro “Araribá Mais: História” do 9º ano é a opção mais adequada para a discussão em sala de aula sobre a Guerra do Contestado, embora ainda apresente algumas limitações. O livro se destaca por oferecer uma abordagem mais completa e aprofundada do tema, ao contrário dos outros

livros examinados, que oferecem apenas breves descrições ou sequer abordam o movimento. O material do livro, como capa atrativa, organização estrutural clara e acesso facilitado ao conteúdo, contribui para sua qualidade como uma boa mercadoria/produto, seguindo as características destacadas por Bittencourt, Rusen e Lajolo.

No entanto, mesmo o livro “Araribá Mais: História” ainda não alcança o status ideal, pois não aprofunda suficientemente a discussão da Guerra do Contestado. A falta de um conteúdo mais aprofundado pode levar a uma compreensão superficial do movimento, perpetuando concepções equivocadas e estereótipos ultrapassados.

O movimento do Contestado precisa ser entendido como um evento nacional e latino-americano, não como um evento local, circunscrito a uma região. A luta pela terra, a luta antioligárquica, a resistência à ação de empresas multinacionais, a destruição de florestas, o deslocamento compulsório de populações não são eventos locais, são experiências compartilhadas por todo o país e por nossos vizinhos continentais. O Contestado precisa ser entendido como importante episódio da história do Brasil Contemporâneo (MACHADO, 2017 p.76).

Portanto, é necessário abordar o movimento do Contestado de forma ampla e contextualizada, com base em novas perspectivas e conhecimentos históricos, a fim de compreender sua complexidade e os fatores que o desencadearam. Isso permitirá uma análise mais profunda das questões envolvidas e uma melhor compreensão dos impactos do conflito até os dias atuais. Ao explorar o tema com mais profundidade, é possível superar preconceitos e estereótipos, contribuindo para uma visão mais abrangente e crítica da história do Brasil contemporâneo.

#### 4. CONCLUSÃO

A pesquisa abordada neste trabalho teve como objetivo analisar como o conhecimento acadêmico sobre a Guerra do Contestado está sendo difundido na sociedade, principalmente por meio dos livros didáticos utilizados nas escolas. Durante muito tempo, as pesquisas nas universidades brasileiras negligenciaram a questão do ensino, mas a partir da década de 1970 e 1980, houve uma mudança nesse panorama, com uma nova relação entre educação, escola e sociedade. A preocupação com a formação dos professores e com os materiais didáticos utilizados em sala de aula ganhou destaque, especialmente no caso dos livros didáticos, que são amplamente utilizados no contexto educacional brasileiro.

No contexto específico da Guerra do Contestado, um dos maiores conflitos armados da história do Brasil, a pesquisa se torna ainda mais relevante. O conhecimento sobre esse tema é fundamental para compreender a formação do Estado de Santa Catarina, suas questões econômicas e sociais, mas muitas vezes não recebe o destaque necessário nos livros didáticos de âmbito nacional.

A pesquisa realizada propôs-se à análise dos livros didáticos distribuídos para o 9º ano do ensino fundamental na cidade de Palhoça, em Santa Catarina. A análise teórico-metodológica dos livros didáticos desempenha um papel fundamental na compreensão da sua adequação ao ensino da história da Guerra do Contestado. Essa análise se torna ainda mais relevante quando se considera que os livros didáticos são produzidos para serem distribuídos em nível nacional, o que muitas vezes limita a profundidade e a abrangência dos temas abordados.

A forma como os livros didáticos são estruturados e apresentados desempenha um papel importante na sua utilidade em sala de aula. A capa, o formato, a organização do conteúdo e a linguagem utilizada são elementos que devem ser considerados. Um bom livro didático deve ter uma estrutura clara, que facilite a orientação do estudante, e deve estabelecer uma relação produtiva com o aluno, levando em conta sua realidade e experiências.

Além da forma, a análise dos conteúdos históricos escolares e pedagógicos presentes nos livros didáticos é essencial. Os conteúdos devem ser precisos, mas, ao mesmo tempo, simples e adequados para os estudantes. Também é importante verificar se os materiais apresentam uma pluralidade de perspectivas históricas, possibilitando aos alunos compreenderem diferentes experiências e interpretações.



É importante ressaltar que o livro didático não é apenas um veículo de transmissão de conhecimentos, mas também um instrumento pedagógico. Ele deve oferecer métodos de aprendizagem, estimular a reflexão, o pensamento crítico e a capacidade de argumentação dos estudantes.

Este trabalho usou como fonte primária os livros didáticos: *Vontade de Saber: História 9º ano*, dos autores Marco César Pellegrini, Adriana Machado Dias e Keila Grinberg da editora FTD, distribuídos no ciclo 2014-2015-2016; *Estudar História: das origens do homem à era digital 9º ano*, das autoras Patrícia Ramos Baick e Anna Barreto da editora Moderna, distribuídos no ciclo 2017-2018-2019; e *Araribá: Mais História*, uma obra coletiva da editora Moderna, distribuídos no ciclo 2020-2021-2022.

Entre essas opções, pudemos concluir que, mesmo com certas limitações, o livro “Araribá Mais: História” do 9º ano pode ser considerado a opção mais adequada para discutir a Guerra do Contestado em sala de aula, pois aborda o tema de maneira um pouco mais completa e aprofundada, diferente dos outros livros analisados que descrevem rapidamente ou não mencionam o tema. Apesar disso, ainda há espaço para melhorias, pois o livro não explora suficientemente a discussão do movimento, o que pode levar a uma compreensão superficial e à perpetuação de estereótipos. Portanto, é necessário abordar o tema de forma ampla e contextualizada, com base em novas perspectivas e conhecimentos históricos, a fim de compreender a complexidade do movimento e seus impactos atuais, superando preconceitos e promovendo uma visão crítica da história do Brasil contemporâneo.

Em conclusão, a análise dos livros didáticos é fundamental para avaliar sua adequação ao ensino da história da Guerra do Contestado. Os aspectos formais, os conteúdos históricos e pedagógicos, a percepção histórica e a interpretação histórica devem ser considerados nessa análise. Dessa forma, é possível selecionar materiais que sejam eficientes, precisos e estimulantes para os estudantes, contribuindo para um ensino de qualidade e uma compreensão mais ampla e enriquecedora da história da Guerra do Contestado.

## BIBLIOGRAFIA

- ANNIBELLI, Mariana Baggio. Contestado: um território socioambiental. Curitiba, PR, 2009.
- AGUIAR, Angelo Antônio de. Fontes fotográficas no ensino de história: uma proposta didática com as fotografias de Claro Jansson sobre a Guerra do Contestado. Florianópolis, 2021.
- Base Curricular da Rede Municipal Ensino de Palhoça – 2019 / Organização: Odimar Lorenset e Rafaela Maria Freitas – Palhoça (SC): Prefeitura de Palhoça . Faculdade Municipal de Palhoça ,2019.
- BEZERRA, Holien Gonçalves. Ensino de história: conteúdos e conceitos básicos. in: KARNAL, Leandro. História na sala de aula Conceitos, práticas e propostas. São Paulo: Contexto, 2010, p.37-48
- BITTENCOURT, Circe M. Fernandes. Ensino de história: fundamentos e métodos. 4 ed, São Paulo: Cortez, 2011.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Livro didático e conhecimento histórico: uma história do saber escolar. 1993. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.
- BRAGA, Mariana Carmona. SAGREDO, Raisia. Sensibilizando o olhar: o conflito do contestado na sala de aula. História em Revista, Pelotas, 133-143, v. 20, dez./2014
- BRAICK, Patrícia Ramos; BARRETO, Anna. Estudar História: das origens do homem à era digital 9º ano. 3ed. São Paulo: Moderna, 2018
- BRANDT, Marlon. Uso comum e apropriação da terra no município de Fraiburgo-SC: do Contestado à colonização Florianópolis, SC, 2007.
- BRASIL. Ministério da Educação. Programa Nacional do Livro Didático: Histórico. Brasília/DF. Outubro, 2017. Disponível em: <https://www.fnde.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro/legislacao/item/9787-sobre-os-programas-do-livro> Acesso em: 02 março de 2023.
- CAIMI, Flávia Eloisa. Fontes históricas na sala de aula: uma possibilidade de produção de conhecimento histórico escolar? Anos 90, Porto Alegre, v. 15, n. 28, p.129-150, dez. 2008
- CALONGA, Tania Aparecida da Silva. O movimento messiânico do contestado. Oracula 4.8, 2008
- CARVALHO, Tarcísio Motta de. Coerção e consenso na Primeira República: A Guerra do Contestado (1912-1916). Niterói, 2009, p.15-40.
- FERNANDES, Ana Claudia. Araribá mais: História 9º ano. 1ed. São Paulo: Moderna, 2018
- COSTA, Aryana Lima; OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. O ensino de história como objeto de pesquisa no Brasil: no aniversário de 50 anos de uma área de pesquisa, notícias do que virá. Saeculum. Revista de História: João Pessoa, p. 147-160, jan.-jun. 2007

ESPIG, Márcia Janete. A construção da Linha Sul da Estrada de Ferro São Paulo -Rio Grande do Sul (1908-1910) mão de obra e migrações. VARIA HISTORIA, Belo Horizonte, vol.28, no 48, p.849-869: jul/dez 2012

ESPIG, Márcia Janete; KARSBURG, Alexandre de Oliveira; MACHADO, Paulo Pinheiro; VALENTINI, Delmir José. Aspectos históricos e culturais sobre o Centenário do Contestado Dossiê especial.ESBOÇOS – Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC Florianópolis, v. 19, n. 28, dez. 2012.

KARSBURG, Alexandre de Oliveira. O Eremita do Novo Mundo A trajetória de um peregrino italiano na América do século XIX (1838-1869). Rio de Janeiro,2012.

LAJOLO, Marisa. LIVRO DIDÁTICO: um (quase) manual de usuário. Em Aberto, Brasília, ano 16, n.69, jan./mar. 1996

MACHADO, Paulo Pinheiro. Raízes da insurgência sertaneja do Contestado. IN: MENDONÇA, Joseli Maria Nunes; SOUZA, Jhonatan Uewerton. Paraná Insurgente: História e lutas sociais – Séculos XVIII ao XXI. São Leopoldo-RS: CasaA Leiria, 2018 p.103-121

MACHADO, Paulo Pinheiro. Um estudo sobre as origens sociais e a formação política das lideranças sertanejas do Contestado, 1912-1916. Campinas, SP, 2001.

MACHADO, Paulo Pinheiro. Guerra, cerco, fome e epidemias: memórias e experiências dos sertanejos do Contestado.Topoi, v. 12, n. 22, jan.-jun. 2011, p. 178- 186.

MACHADO, Paulo Pinheiro. O Contestado na sala de aula. Cadernos do CEOM. v. 30, n. 46 Jun/2017

MUNAKATA, Kazumi. Livro Didático como indício da cultura escolar. Revista História e Educação, Porto Alegre, v. 20, n. 50, p. 119-138, 2016.

NETO, Breno Conceição. A importância do messianismo para a Guerra do Contestado (1912-1916). Geographia Opportuno Tempore, Londrina, v.6, n. 2, p. 75 - 86, maio/agosto. 2020.  
PELLEGRINI, Marco; DIAS, Adriana; GRINBERG, Keila. Vontade de Saber História, 9º ano. 3ed. São Paulo: FTD, 2015

PEREIRA, Nilton M.; SEFFNER, Fernando. O que pode o ensino de história? Sobre o uso de fontes na sala de aula. Revista Anos 90, Porto Alegre, vol. 15, n. 28, p. 113-128, 2008.

QUEIROZ, Maurício Vinhas de. José Maria, o Messias Caboclo IN: Messianismo e Conflito social: a Guerra Sertaneja do Contestado (1912-1916). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966. pp. 79-107.

RECHIA, Karen Christine. A Guerra do Contestado em imagens e textos: interfaces possíveis para o conhecimento histórico em sala de aula. Revista Sobre Tudo, ano VII, N. 1, p.97-107, 2011.

RUSEN, Jorn. O livro didático ideal. IN: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende (Org.) Jörn Rüsen e o Ensino de História. Curitiba: Editora da UFPR, 2019

SILVA, Marcos. FONSECA, Selva Guimarães. Ensinar História no século XXI: Em busca do tempo entendido. Campinas, Sp: Papyrus, 2007.

SANTOS, Cristiane Alves dos Santos; GRÜMM, Cristiane Aparecida Fontana. Proposta de um jogo de tabuleiro para o ensino do movimento do contestado nas séries iniciais. XVI Encontro estadual de História da ANPUH-SC, História e Movimentos sociais, 2016

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. Ensinar História. São paulo Scipione 2009

SOARES, Jandson; DIAS, Margarida. Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) IN: FERREIRA, Marieta de Moraes; OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. Dicionário de Ensino de História : 1. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2019